


# arq|a

ARQUITETURA E ARTE

Nº132 • 2018 • €11

CULTURAL

ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO



**ADALBERTO DIAS  
ÁLVARO SIZA VIEIRA  
EDUARDO SOUTO MOURA  
JOÃO CARLOS DOS SANTOS  
JOÃO BARROS MATOS**

**FERNANDO SANCHEZ SALVADOR  
MARGARIDA GRÁCIO NUNES  
NUNO MONTENEGRO  
C PRATA ARQUITETOS  
CARDIA/COSSMENT/SIOPA**

**ENTREVISTAS GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS  
PAULA ARAÚJO DA SILVA**

**DESIGN CARLA CARBONE  
ARTES EMÍLIA FERREIRA  
OPINIÃO CLARA FRAYÃO CAMACHO, FÁTIMA FARIA ROQUE,  
PAULO FERREIRA DA COSTA E VÍTOR OLIVEIRA JORGE  
DOSSIER ACADÉMICOS UNIVERSIDADE LUSÍADA**



ISSN: 1647-077X

# 2018 – ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL

## 2018 – EUROPEAN YEAR OF CULTURAL HERITAGE

2018   
ANO EUROPEU  
DO PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
#EuropeForCulture

A filosofia subjacente à celebração do Ano Europeu do Património Cultural (AEPC) em Portugal radicou, desde o momento da sua apresentação, em setembro de 2017, na participação ativa da sociedade civil, à escala local, regional e nacional, cobrindo o vasto leque do património cultural. O programa do AEPC foi, assim, construído, numa base de abertura e atualização permanentes – de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2018 – e com metas claramente traçadas: dar continuidade ou iniciar projetos com potencial de projeção no futuro e direcionar mensagens às comunidades, em particular, aos jovens.

A criação de uma página na Internet e na plataforma Facebook, revelaram-se instrumentos fundamentais à divulgação do AEPC e à construção de um programa nacional de iniciativas, assentes na participação ativa dos cidadãos.

Mas, a realização e promoção do AEPC implicou, sobretudo, um trabalho concertado com um número assinalável de entidades, públicas e privadas, com especial relevância no domínio do património cultural, contando-se, para além da Representação da Comissão Europeia em Portugal e da Representação do Centro de Informação Europeia Jacques Delors em Portugal, Fundações, Ordens profissionais, Organizações Não Governamentais, ICOM, ICOMOS, APOM, Comissão Nacional da UNESCO, Centro Nacional de Cultura, Associações de Defesa do Património Cultural e Natural, Associação Nacional de Municípios Portugueses, Associação Nacional de Freguesias, Secretariado para os Bens Culturais da Igreja, União das Misericórdias Portuguesas, Institutos e Centros de Investigação, EUNIC Portugal, entre muitas outras. Deste contacto resultou a disseminação, em rede, através das diferentes entidades, dos objetivos do AEPC e a exponenciação do convite à participação.

Até à presente data o programa nacional de iniciativas contabiliza mais de 1.500 ações a nível nacional, incluindo Açores e Madeira, envolvendo cerca de 150 municípios e mais de 420 mil participantes, das quais se destacam: 336 visitas livres/orientadas e rotas patrimoniais, 345 encontros e congressos, 270 exposições, 167 ateliers, 169 espetáculos e muitas outras iniciativas – lançamento de publicações, festivais, campanhas de informação, animações de rua, concursos, recriações históricas, atividades de investigação, projetos digitais, documentários/filmes ou sessões de leitura.

Numa parceria com a revista arqa quisemos, na presente edição, registar um breve balanço, não só ao nível da obra, mas também do testemunho de várias personalidades ligadas ao património português e ao Ano Europeu do Património Cultural.

*The philosophy underlying the celebration of the European Year of Cultural Heritage (AEPC) in Portugal was set, from the moment of its presentation, in September 2017, in the active participation of civil society at local, regional and national level, covering the wide range of cultural heritage. The AEPC program was thus built on a permanent openness and updating basis - from January 1<sup>st</sup> to December 31, 2018 - and with clearly defined goals: to continue or start projects with projection potential in the future and to direct messages to the communities, in particular, to young people.(...)*

*Up to this date, the national program of initiatives has counted more than 1,500 actions nationwide, including the Azores and Madeira, involving about 150 municipalities and more than 420,000 participants, 336 of which were free / guided visits and heritage routes, 345 meetings and congresses, 270 exhibitions, 167 workshops, 169 shows and many other initiatives - launching of publications, festivals, information campaigns, street animations, competitions, historical recreations, research activities, digital projects, documentaries / films or reading sessions .*

*In a partnership with arqa magazine, we wanted to present a brief review, not only at the level of the work done, but also in the testimony of several personalities linked to the Portuguese heritage and to the European Year of Cultural Heritage.*

Os artigos assinados são da inteira responsabilidade dos autores

## arqa 132

4.º trimestre 2018

### IN/OUTDOORS

5 Fachadas, pavimentos & revestimentos

### destaquehighlight

16 atualidades e agenda

### sobre o temaabout our theme

LUÍS MANUEL PEREIRA

24 PATRIMÓNIO A ALQUIMIA DO TEMPO

26 **entrevista**interview

PAULA ARAÚJO DA SILVA

*Diretora-Geral do Património Cultural*

36 **biografias**biographies

### projetosprojects

40 ÁLVARO SIZA VIEIRA

E EDUARDO SOUTO DE MOURA

*Museu Municipal Abade Pedrosa (MMAP) e Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC)*

58 JOÃO CARLOS DOS SANTOS

*Palácio Nacional da Ajuda – Ala Poente – Exposição Tesouro Real*

68 JOÃO CARLOS DOS SANTOS

*Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS)*

78 ADALBERTO DIAS

*Sé Patriarcal de Lisboa, Instalação*

*do Núcleo Arqueológico e Recuperação dos Claustros Superiores e Inferiores*

84 ATELIER AR4 ARQUITETOS, JOÃO BARROS MATOS;

FSSMGN ARQUITECTOS FERNANDO SANCHEZ SALVADOR, MARGARIDA GRÁCIO NUNES; ATELIER CARDIA.

COSSEMENT. SIOPA MARCELO DE GOUVEIA CARDIA

COM CHARLES COSSEMENT E JOÃO SIOPA ALVES; NUNO

MONTENEGRO COM BRUNO SARAIVA, INÉS PEREIRA, JOSÉ

MESTRE, SARA DAVID, VALTER RAMALHO; ATELIER C PRATA

ARQUITETOS, CARLOS PRATA COM CATARINA PRATA

*Concurso para o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade – Fortaleza de Peniche*

104 **entrevista**interview

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

*Coordenador Nacional do AEPC,*

*Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian e*

*Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura*

### opiniãopinion

110 CLARA FRAYÃO CAMACHO

112 FÁTIMA FARIA ROQUE

114 PAULO FERREIRA DA COSTA

116 VÍTOR OLIVEIRA JORGE

### designdesign

120 CARLA CARBONE

ANDREA BRANZI – “NÓS SOMOS PRIMITIVOS.

ANALOGICAMENTE PRIMITIVOS”

### artesarts

EMÍLIA FERREIRA

124 MUSEUS E COLEÇÕES – HISTÓRIA, RAZÕES E EMOÇÕES

### fotografiaphoto

128 FG+SG

129 **académicos** FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

UNIVERSIDADE LUSIADA

### livrosbooks

MÁRIO CHAVES

134 A ler



26

entrevistainterview

PAULA  
ARAÚJO  
DA SILVA

Diretora-Geral  
do Património Cultural

120

designdesign

ANDREA BRANZI  
“NÓS SOMOS  
PRIMITIVOS.  
ANALOGICAMENTE  
PRIMITIVOS”



124

artesarts

MUSEUS  
E COLEÇÕES  
HISTÓRIA,  
RAZÕES  
E EMOÇÕES



# PAULA ARAÚJO DA SILVA

Uma política nacional para o Património envolve a participação de todos, numa dinâmica de rede descentralizadora e inclusiva. Em matéria de projetos estruturantes, a Direção-Geral avança em três frentes: o fecho da ala poente do Palácio Nacional da Ajuda, que acolherá o Museu das Joias da Coroa, a reabilitação dos armazéns de uma antiga fábrica em Xabregas, para instalação de um centro de referência em Arqueologia Náutica e Subaquática e a criação do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche.

VICTOR NEVES TEXTO MICHAEL ZECA FOTOS (DIRETORA-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL)



**arqa** Este ano comemora-se o Ano Europeu do Património Cultural. Qual a importância que atribui a esta efeméride, tendo em consideração o contexto nacional?

**PAULA ARAÚJO DA SILVA** O Ano Europeu do Património Cultural foi determinado pela União Europeia e foi visto por nós com grande satisfação, na medida em que chama a atenção para a importância do Património e consciencializa as pessoas, a sociedade em geral para esta importância. O movimento que se gerou, de um grande conjunto de atividades à volta do tema, que abrange muitos patrimónios, não só o arquitetónico, foi nesse sentido da consciencialização, também ao nível da formação, nomeadamente dos mais jovens. Em Portugal decorreram e estão ainda a decorrer um grande número de iniciativas e isso vai seguramente refletir-se nos próximos anos, na atenção crescente ao Património.

**arqa** Considera que vivemos atualmente um momento crítico que justifique uma maior atenção ao Património?

**PAS** Penso que sim. O Património é uma noção que não é estática, e que abarca o que as sociedades, num determinado momento, entendem que deve ser o seu legado às futuras gerações. Também o incremento do turismo tem levado a uma intensa atividade ao nível da recuperação do património edificado, que nalguns casos estava muitíssimo degradado, tanto nos centros urbanos como no território mais desertificado do interior. A afluência do turismo tem levado à recuperação dos edifícios, e isso constitui um fator positivo. Porém, é necessário estar muito atento à pressão do setor turístico, analisando-a e estruturando-a de modo a não criar situações irreversíveis de massificação e afastamento das populações dos locais mais procurados. Os centros das cidades estavam desertificados até há muito poucos anos, tanto no plano habitacional como comercial. A partir dos anos 70/80 do século XX as populações deslocaram-se para as periferias, em busca de espaços habitacionais maiores e mais baratos. Essa deslocalização inverteu-se com a explosão do turismo, que fez com que voltasse a haver procura dos centros para fins de habitação. É um fenómeno extremamente interessante, mas tem de ser devidamente “controlado”, nomeadamente travando, nalgumas zonas, o alojamento local para diminuir o impacto e a pressão. Tal não quer dizer que vejamos o turismo de forma negativa. Aliás, o turismo é um fenómeno à escala europeia, que em Portugal até tardou a fazer-se sentir, e de uma forma geral constatamos que tem havido um cuidado e uma notável capacidade de adapta-



Diretora-Geral do Património Cultural desde janeiro de 2016. Licenciada em Arquitetura pela Escola Superior de Belas do Porto e mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho.

Desde 1983 exerce funções na área do Património. Arquitecta no Gabinete de Recuperação do Centro Histórico do Porto (CRUARB) até 1996. De 1997 a 2006 foi Chefe de Divisão de Monumentos da Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte (DREMN).

A partir de 2006 e até 2013 foi, sucessivamente, Diretora do IPPAR do Norte, Diretora de Serviços dos Bens Culturais da Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN), Diretora Regional de Cultura do Norte. Foi Chefe de Divisão de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto em 2014 e 2015.

É autora e coautora de diversos artigos científicos no campo patrimonial, tendo publicado o livro “As Termas Romanas de Bracara Augusta” (2003), edições FAUP. Integrou a composição de júris de prémios, comités científicos e comissões organizadoras de eventos realizados em Portugal e no estrangeiro, participando frequentemente como oradora convidada em conferências e congressos internacionais.

ção a esta realidade. Nas situações de maior pressão, defendo que o grande desafio para quem trabalha nas áreas do Património e do Turismo deve ser o de criar rotas alternativas, fomentando o interesse por regiões porventura mais periféricas, mas igualmente dotadas de património valioso. Somos privilegiados, pois o nosso país é extremamente rico do ponto de vista cultural e paisagístico.

**arqa** Ainda no seguimento da pergunta anterior, como vê o património cultural português no contexto europeu e mundial, sabendo que a herança cultural portuguesa se mantém viva em várias partes do mundo?

**PAS** O Património português espalhado pelo mundo é imenso e deixou de nos pertencer, pertence aos países onde está localizado. Estou a referir-me ao património construído, fortalezas, edifícios e até cidades. Pode acontecer nalguns casos ser menos bem tratado, o que naturalmente é preocupante, pois acarreta perda da nossa memória histórica coletiva. Temos atualmente contactos, por exemplo, com Marrocos, no sentido de retomar iniciativas de colaboração e de parceria na recuperação de património de influência portuguesa. Há também contactos com Cabo Verde e com Moçambique. Em suma, existe uma vontade de aceder a parcerias por parte dos outros países e também nossa. Paralelamente é necessário um trabalho imenso de sensibilização, pois não nos podemos esquecer que a força (no sentido estrito do termo), que os portugueses usaram em tempos passados nesses territórios conduz, por vezes, a uma menor vontade de preservação.

**arqa** Quais são então as prioridades que, na sua perspetiva, o Estado deve ter em relação ao património cultural, em geral, e que ações a longo prazo deve estabelecer?

**PAS** É uma pergunta complexa, com várias questões a abordar. Uma delas concerne ao património que perde em definitivo a sua função original. Atente-se, por exemplo, no caso dos castelos e das fortalezas. Não há guerra com Espanha, não chegam piratas do mar... esvaziados da sua função defensiva e militar, os edifícios mudam de tutela, deixando de pertencer ao Ministério da Defesa. Há um conjunto imenso de património ao longo da costa e da fronteira, para além dos castelos que existem no interior do país, que está em perda. Há que pensar na reutilização destes equipamentos, sendo que muitos são de pequena dimensão, pequenos fortins, situados em espaços extraordinariamente bonitos, mas que, pela sua reduzida dimensão, é difícil



MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA E MUSEU INTERNACIONAL DE ESCULTURA CONTEMPORÂNEA / FOTO LUÍS FERREIRA ALVES

dar-lhes uma utilidade. Todos sabemos que um edifício sem uso rapidamente se degrada. Naturalmente que este património em perda nos preocupa, e nesse sentido a DGPC pondera o desenvolvimento de programas, nomeadamente mediante acesso a fundos europeus no âmbito do próximo quadro comunitário. Saliento ainda que, nesta procura de soluções, as populações e os municípios têm um papel fundamental, pela sua proximidade aos bens envolvidos.

Importa, nos projetos a desenvolver, refletir sobre quais são os objetivos de recuperação, o que significa pensar a longo prazo sobre o modo como queremos que esse património seja mantido e conservado. Infelizmente, muitas vezes, faz-se a conservação e passado

pouco tempo esse edificado entra de novo em perda, porque não tem uso ou porque o uso pensado não foi o mais indicado. O que quero dizer é que os planos de gestão devem ter em conta o “todo”, o contexto, a envolvente. É necessário pensar no conjunto, atendendo à tipologia, ao território ou a um determinado eixo de ligação (pode ser um rio, uma montanha). Todos estes elementos criam identidade e uma força própria. O património não pode ser pensado isoladamente.

Foi sob este espírito que este ano retomámos, reavivámos, a designada Rota das Catedrais. Trata-se um projeto já com muitos anos, que nasceu de um protocolo assinado em 2009, entre o IGESPAR (agora DGPC) e os Bens Culturais da Igreja/Conferência

Episcopal Portuguesa. O objetivo é dotar as catedrais de todo o país da capacidade de atrair e receber pessoas, também do ponto de vista cultural. Estes monumentos, na sua maioria ligados à origem das cidades medievais e da urbe medieval, foram determinantes na definição de cidade. O facto é que percorrendo uma a uma as catedrais portuguesas, visitamos o país de uma ponta à outra. Por esta razão, convidamos as pessoas a visitar Portugal através das suas catedrais. Este projeto notável resulta da união de esforços e de vontades de 23 entidades diferentes: os cabidos das catedrais, as Direções Regionais de Cultura, a DGPC e os Bens Culturais da Igreja. Todas estas entidades aliaram-se com o objetivo de divulgar um percurso, uma rota,

promovendo atividade cultural e iniciativas nesse âmbito. Portugal é efetivamente um país riquíssimo em termos de património. Portanto, poderemos propor às pessoas que se deslocarem, que descentralizem as suas escolhas de visita. Falo-vos da Rota porque ela constitui exemplo vivo da importância de pensar “o conjunto”.

Posso citar um outro exemplo, nos arredores de Lisboa, o projeto das Linhas de Torres, um imenso conjunto de fortificações, um dos maiores sistemas defensivos da história, constituído por 152 obras de fortificação. Também neste caso houve uma reunião de esforços, um grande número de municípios que se juntou para obter a classificação como monumento nacional (recentemente atribuída) e para desenvolver a promoção e divulgação do conjunto. Na minha opinião, assim deve ser o trabalho em Património. Não é só a Câmara de Torres Vedras ou a de Odivelas que trabalham individualmente, são todas as Câmaras que se juntam em prol de um bem comum. Outro caso semelhante é a Rota do Românico, a norte, que abrange muitos municípios e se tem vindo a alargar do rio Sousa para o rio Tâmega e o Douro. Há seguramente outros exemplos, que é preciso replicar, com esquema, com pensamento, com regulação, com personalidade própria, e com pessoas dedicadas, empreendedoras. O resultado é a valorização do património, não apenas no plano simbólico e artístico, mas também do ponto de vista do retorno económico para as populações.

**arqa** Perspetivar ações integradas sobretudo...

**PAS** Exatamente. Falo de uma política nacional de património. Não é a Direção-Geral que faz a recuperação de todo o património. A Direção-Geral tem património afeto, assim como as Direções Regionais têm a mesma responsabilidade, a nível territorial. No que se refere a esta Direção-Geral, gostava de salientar alguns projetos. Um deles é o nascimento do futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche.

**arqa** Objeto de um concurso, cujos projetos serão publicados nesta edição da arqa...

**PAS** Sim, e que no próximo ano já ganhará alguma forma. Outro projeto diz respeito ao remate do Palácio da Ajuda, que estamos a desenvolver em parceria com o Turismo de Lisboa, e que inclui a construção do Museu das Joias da Coroa, a concluir em 2020. A obra está neste momento numa segunda fase.

**NA MINHA OPINIÃO, DEVEMOS MARCAR A CONTEMPORANEIDADE, OU SEJA, ENTENDO QUE TUDO O QUE FAZEMOS DEIXA UMA MARCA. CONSIDERO QUE ESSAS INTERVEÇÕES DEVEM RESPEITAR O PATRIMÓNIO SUBJACENTE, OBJETO DA INTERVENÇÃO. NÃO DEVEM SOBREPOR-SE, DEVEM COMPLETAR-SE.**

**arqa** O fecho da ala poente do Palácio Nacional da Ajuda, também a publicar nesta edição...

**PAS** Sim, que nunca chegou a ser fechada antes, o projeto inicial nunca foi acabado. Agora vamos fazê-lo e criar um novo museu. Não se trata propriamente de uma extensão do Palácio, mas sim de um museu, com uma estrutura própria, onde se vão expor as joias da coroa, que têm estado fechadas no cofre de um banco... sem qualquer visibilidade. Simultaneamente, a DGPC está terminar um outro projeto que consiste na recuperação patrimonial dos armazéns de uma antiga fábrica do tabaco, em Xabregas, adaptando o espaço para acolher as novas instalações do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS). Trata-se igualmente de um projeto estruturante, que dotará enfim o CNANS de uma sede própria e de condições condignas ao exercício da sua atividade, nomeadamente na área da investigação e da preservação do seu notável acervo. Falamos de um país com uma imensa faixa costeira, em que as saídas são feitas por mar desde

o século XIII ou XIV.... Existem ainda outros projetos, que não sendo para concretização imediata, deverão inscrever-se no quadro comunitário 20/30. Desse conjunto, há pelo menos três que já têm algum pensamento: Mosteiro dos Jerónimos, Museu Nacional de Arte Antiga e Museu Nacional de Arte Contemporânea / Museu do Chiado,

**arqa** Relacionando com a última parte da sua resposta, pergunto se serão lançados novos concursos de projetos e o que pensa dos resultados dos concursos mais recentes.

**PAS** O mais recente foi precisamente o da Fortaleza de Peniche, de que resultaram 22 propostas. O júri integrou elementos propostos pela Direção Geral, mas externos – o único elemento da “casa” foi o arquiteto e museógrafo João Herdade. Este júri selecionou o projeto do arquiteto João Matos, professor da Universidade de Évora, que considero bastante interessante na medida em que é muito simples: preserva o edificado na sua essência, e os únicos elementos novos que são introduzidos são os nós de ligação para a criação do percurso museológico. É uma intervenção inteligente e feliz, tratando-se de um monumento nacional. Não estaríamos sensíveis a uma intervenção muito forte, que é possível fazer noutros casos, com menos importância patrimonial... Em Peniche, mesmo a componente prisional do forte vai constituir-se museu. Penso que é um projeto que vai resultar muito bem.

**arqa** Precisamente sobre a intervenção no Património construído verificamos que têm sido introduzidos conceitos e linguagens contemporâneos em variadíssimas intervenções de arquitetos portugueses em estruturas edificadas com valor histórico-patrimonial, o que nem sempre é pacífico, junto da opinião pública. O que pensa sobre este assunto?

**PAS** Na minha opinião, devemos marcar a contemporaneidade, ou seja, eu entendo que tudo o que fazemos deixa uma marca. Considero que essas intervenções devem respeitar o património subjacente, objeto da intervenção. Não devem sobrepor-se, devem completar, juntar-se naturalmente. Há exemplos de excelentes intervenções que vão nesse sentido, não só no meio urbano – acrescentos de edifícios novos – mas também no próprio património antigo, onde tem de haver adição de alguma contemporaneidade por necessidade de adaptação na construção. Há cem anos, por exemplo, introduziu-se a eletricidade e as instalações sanitárias, que indiscutivelmente são hoje elementos de con-





PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA – ALA POENTE

forto e de funcionalidade. O que é necessário é ponderar bem as intervenções.

**arqa** Mas acha que esse balanço que é necessário deve ser aprendido nas faculdades ou deverá passar por uma especialização?

**PAS** Atualmente constrói-se menos novo, até porque já sabemos que há construção a mais, foram construídos em Portugal mais edifícios de habitação do que os necessários, antes da crise de 2009 e da intervenção da Europa. Se a nova construção tende a diminuir, tendemos a recuperar o construído, reabilitam-se os edifícios decadentes. Isso é um processo natural da vida dos edifícios, e das cidades, e vejo-o com muito agrado. Evidentemente que tem de haver uma sensibilidade, e as universidades, as faculdades de arquitetura, as faculdades de engenharia, deveriam trabalhar com os jovens futuros arquitetos e engenheiros mais nesta questão da recuperação do edificado normal e patrimonial. Certas especializações também teriam o seu espaço, em matérias que não entram num curso de arquitetura, como por

exemplo o conhecimento sobre arqueologia e algum conhecimento mais aprofundado sobre história de arte.

Mas a formação do arquiteto é muito global, não a entendo como demasiadamente especializada. Naturalmente há circunstâncias que levam a perceber o que são argamasas antigas, que o cimento em cima da pedra provoca danos...esse tipo de conhecimento deve incluir-se no conhecimento do arquiteto, que entendo deve ser alargado. Depois é preciso estudar os casos e rodearmo-nos de especialistas. Ainda assim, creio que deveria haver uma maior chamada de atenção dos jovens estudantes de arquitetura para as questões patrimoniais, para que depois, no mundo "real", não sejam confrontados com situações para as quais não têm nem conhecimento, nem argumentos. Lembro-me de, há muitos anos, ter feito uma recuperação de uma casa dos anos 50, que não era classificada, e o empreiteiro fez imensa pressão para retirar todo o travejamento de madeira da casa, que era excelente. Lembro-me da dificuldade que tive em contrapor e dar conta

da vantagem de manter essa madeira e da inutilidade de colocar vigas de betão ou ferro. Mas consegui! E o resultado foi excelente. Existindo preparação académica, é mais fácil arguir e convencer os vários intervenientes nestes processos. A tentação de demolir e fazer de novo normalmente não é a mais interessante, tanto do ponto de vista patrimonial como económico.

**arqa** A arqa publicou recentemente um dossier sobre Arte Urbana, onde mais uma vez se abordou o impacto negativo dos graffiti no património edificado. Qual a sua posição sobre este assunto?

**PAS** Avalio negativamente. Os graffiti têm servido para mascarar património que está a degradar-se. Os desenhos podem até ser interessantes, mas se isso significa pintar por cima das caixilharias, das orlas de pedra, a mim confrange-me bastante. Por outro lado, não vejo inconveniente nenhum em fazer arte urbana em empenas de edifícios, mas não necessariamente junto a património ou nos centros históricos. Encaro também de forma negativa os graffiti que aparecem debaixo

OS PLANOS DE GESTÃO DEVEM TER EM CONTA O “TODO”, O CONTEXTO, A ENVOLVENTE. É NECESSÁRIO PENSAR NO CONJUNTO, ATENDENDO À TIPOLOGIA, AO TERRITÓRIO OU A UM DETERMINADO EIXO DE LIGAÇÃO (PODE SER UM RIO, UMA MONTANHA). TODOS ESTES ELEMENTOS CRIAM IDENTIDADE E UMA FORÇA PRÓPRIA. O PATRIMÓNIO NÃO PODE SER PENSADO ISOLADAMENTE.

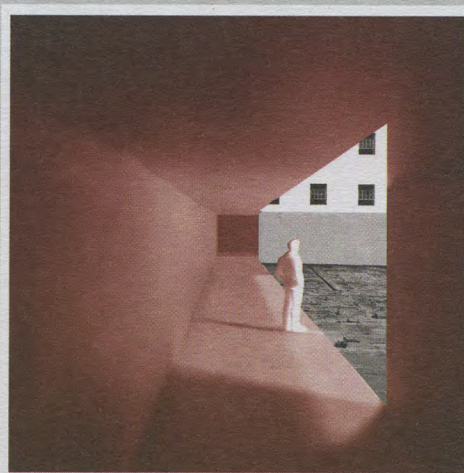
das pontes e nos comboios. No Metro do Porto, quando uma carruagem é grafitada, é retirada e só reaparece quando está recuperada. De tal modo que as carruagens estão praticamente todas novas. Este procedimento poderia aplicar-se eventualmente também às cidades, num processo contínuo de limpeza, sobretudo quando se trata de pedra trabalhada. Claro que estas ações têm custos, e por esse motivo os autores dos grafitis deveriam ser penalizados. É a minha opinião.

**arqa** Mas sendo um problema complexo, como referiu agora no caso da pedra, as simples tags, assinaturas que enchem Lisboa, muitas vezes em edifícios classificados, pensa que resolver esta situação pode passar por um trabalho a montante?

**PAS** Sim, mas esse é um trabalho social. Do ponto de vista da eficácia, se tirarmos sempre o grafiti, ele acaba por desaparecer. No entanto, tal envolve um esforço económico brutal, quase um desígnio! Esse combate é quase um desígnio para os municípios, mas julgo que não há outra forma.

**arqa** Do ponto de vista político, arriscamos a dizer que não é politicamente correto abordar esta questão de forma negativa.

**PAS** Vejamos, há um momento em que se fala de arte urbana, mas a verdade é que não se sabe muito bem onde acaba a arte urbana e onde começa o descaracterizar e vandalizar. O que sabemos é que os danos causados num edifício têm custos. Portanto, deveriam ser definidos os limites dessas situações, abrindo um campo de atividade delimitado, com regras. Todos nós vivemos em sociedade e todos nós temos que cumprir regras, algumas até bastante difíceis, exigentes. Sabemos que o entendimento sobre a vida em sociedade muda em função das épocas. Contudo, a proteção do património deve permanecer como um denominador comum, um valor constante.



CONCURSO MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE FORTALEZA DE PENICHE - 1º CLASSIFICADO

**Here some excerpts from the interview**

*“A national heritage policy involves everybody participation, in a dynamic of decentralizing and inclusive network. In terms of structuring projects, Direção-Geral goes on three fronts: the closing of the west wing of Ajuda National Palace, which will house the Crown Jewellery Museum, the rehabilitation of the warehouses of an old factory in Xabregas, for the installation of a reference center of Nautical and Underwater Archeology and the creation of the National Museum of Resistance and Freedom, in Peniche Fortress.*

(..)

*In my opinion, we must mark the contemporaneity, that is, I understand that everything we do leaves a sign. I consider that these interventions must respect the primary heritage which is the issue of intervention. They must not overlap, they must be completed*

(...)

*Management plans must consider the whole, the context, the environment. It is necessary to think about the whole, given the typology, the territory or a certain axis of connection (it can be a river, a mountain). All these elements create themselves an identity and a force. Heritage cannot be thought of as isolated. (...)*

2018



ANO EUROPEU  
DO PATRIMÓNIO  
CULTURAL

#EuropeForCulture

Coedição

Direção-Geral do Património Cultural  
Revista

**arqa**  
ARQUITECTURA E ARTE

**Diretora-Geral do Património Cultural**

Paula Araújo da Silva

**Coordenação Científica**

David Santos

João Carlos Santos

**Coordenação Editorial**

Fátima Faria Roque

Sandra Vaz Costa

**Textos**

Clara Frayão Camacho

Emília Ferreira

Paulo Costa

Vitor Oliveira Jorge

**Direção-Geral do Património Cultural**

Palácio Nacional da Ajuda

1349-021 Lisboa

Tel.: +351 213614224

Email: [dgpc@dgpc.pt](mailto:dgpc@dgpc.pt)

[www.patrimoniocultural.gov.pt](http://www.patrimoniocultural.gov.pt)

**Créditos fotográficos**

das imagens do Centro Nacional de Arqueologia Náutica  
e Subaquática (CNANS)

**DGPC/Arquivo de Documentação Fotográfica**

Alexandra Encarnação (Coordenadora)

João Paulo Ruas

Pedro Barros

**Agradecimentos**

Arquiteto Adalberto Dias

Arquiteto Álvaro Siza Vieira

Arquiteto Eduardo Souto Moura

Arquiteto João Barros

Arquiteto Gonçalo Guimarães

© textos: os autores

© imagens: os autores

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Direção-Geral do Património Cultural



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

1

SANTO TIRSO

MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA (MMA) e MUSEU INTERNACIONAL DE ESCULTURA CONTEMPRÂNEA (MIEC)  
CITY MUSEUM ABADE PEDROSA (MMA) and CONTEMPORARY INTERNATIONAL SCULPTURE MUSEUM (MIEC)



3

LISBOA

CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA NÁUTICA E SUBAQUÁTICA (CNANS) REMODELAÇÃO DE ARMAZENS PARA INSTALAÇÃO DO CNANS EM LISBOA  
NATIONAL CENTER FOR NAUTICAL AND UNDERWATER ARCHEOLOGY (CNANS) REMODELING WAREHOUSES FOR INSTALLING CNANS IN LISBON



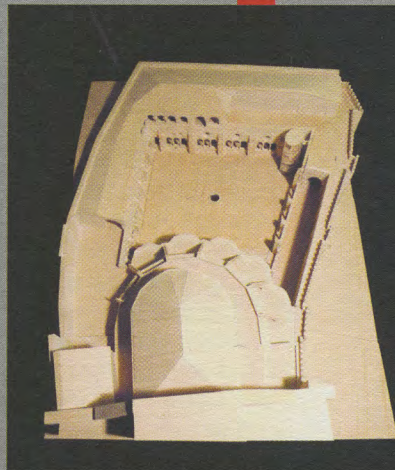
4

LISBOA

2

LISBOA

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA ALA POENTE  
AJUDA, NATIONAL PALACE WING WEST



SÉ PATRIARCAL DE LISBOA, INSTALAÇÃO DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO E RECUPERAÇÃO DOS CLAUSTROS SUPERIORES E INFERIORES  
LISBON PATRIARCHAL CHURCH, INSTALLATION OF THE ARCHAEOLOGICAL NUCLEUS AND RECOVERY OF THE UPPER AND LOWER CLOISTERS

1

5

2

3

4

5

PENICHE

CONCURSO PARA O MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE – FORTALEZA DE PENICHE  
COMPETITION FOR THE NATIONAL MUSEUM OF RESISTANCE AND FREEDOM – PENICHE FORTRESS



Cliente DGPC – Direção-Geral do Patrimônio Cultural; Área 3259,67 m<sup>2</sup>; Datas do projeto abril 2018

## CONCURSO PARA O MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE – FORTALEZA DE PENICHE

COMPETITION FOR THE NATIONAL MUSEUM OF RESISTANCE AND FREEDOM – PENICHE FORTRESS

### 1.º LUGAR

ATELIER AR4  
ARQUITETOS,  
JOÃO BARROS  
MATOS

### 2.º LUGAR

FSSMGN  
ARQUITECTOS  
FERNANDO  
SANCHEZ  
SALVADOR,  
MARGARIDA  
GRÁCIO NUNES

### 3.º LUGAR

ATELIER  
CARDIA.  
COSSEMENT.  
SIOPA  
MARCELO  
DE GOUVEIA  
CARDIA COM  
CHARLES  
COSSEMENT  
E JOÃO SIOPA  
ALVES

### 4.º LUGAR

NUNO  
MONTENEGRO  
COM BRUNO  
SARAIVA, INÊS,  
PEREIRA, JOSÉ  
MESTRE, SARA  
DAVID, VALTER  
RAMALHO

### 5.º LUGAR

ATELIER  
C PRATA  
ARQUITETOS,  
CARLOS PRATA  
COM CATARINA  
PRATA



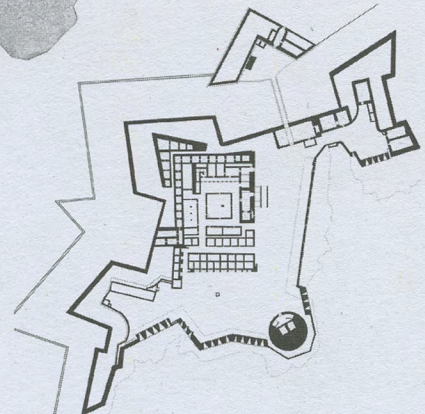
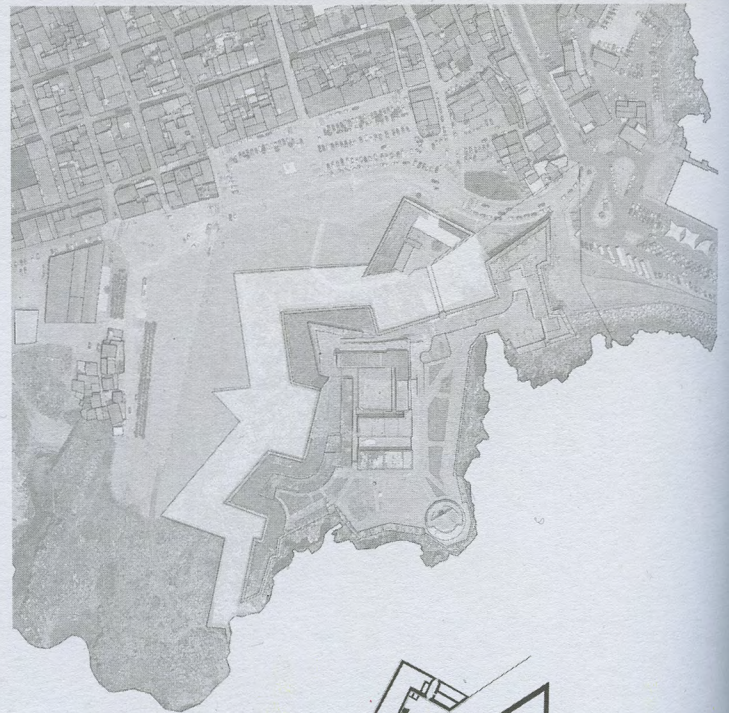
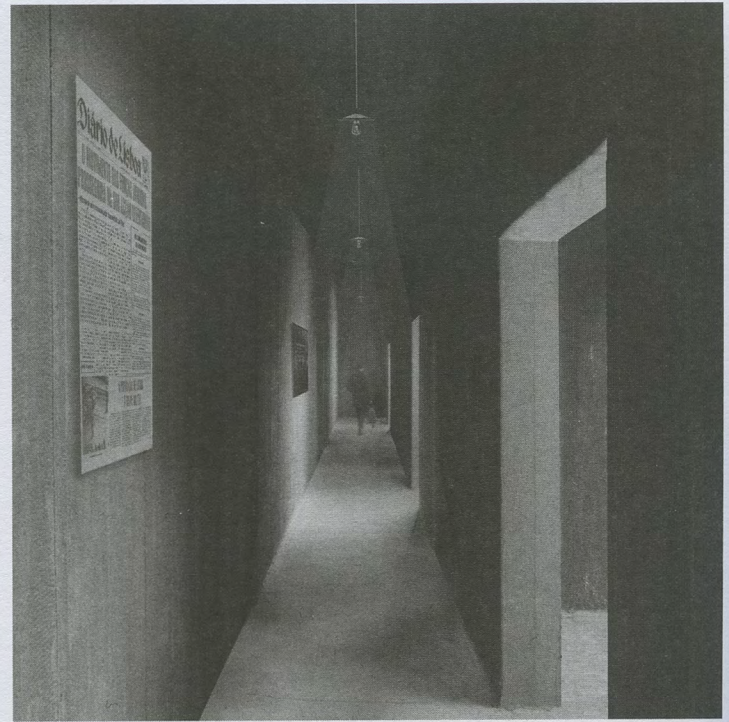
A ideia de museu materializa-se na sobreposição de três tempos: o tempo da fortaleza, o tempo da prisão e o tempo do museu, com o reconhecimento da importância da salvaguarda e conservação do conjunto no seu todo. Conservar, adaptar e construir de novo são acções complementares, parte de um mesmo processo, que estão na génese do próprio projecto museológico

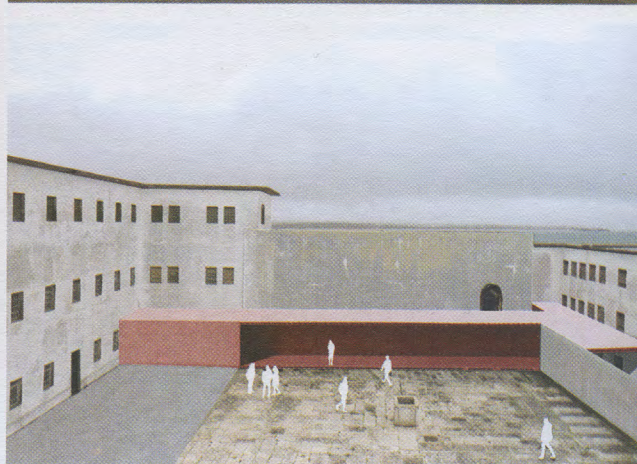
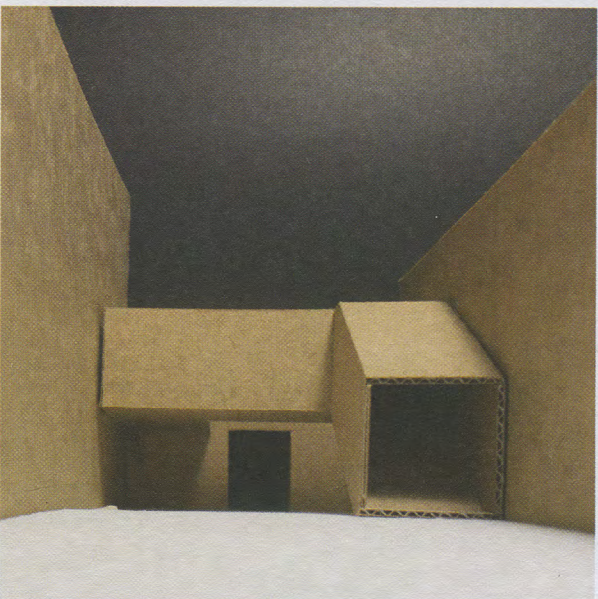
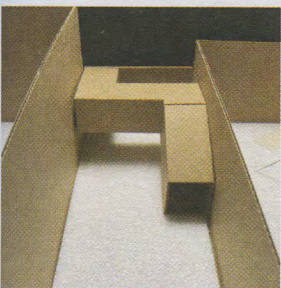
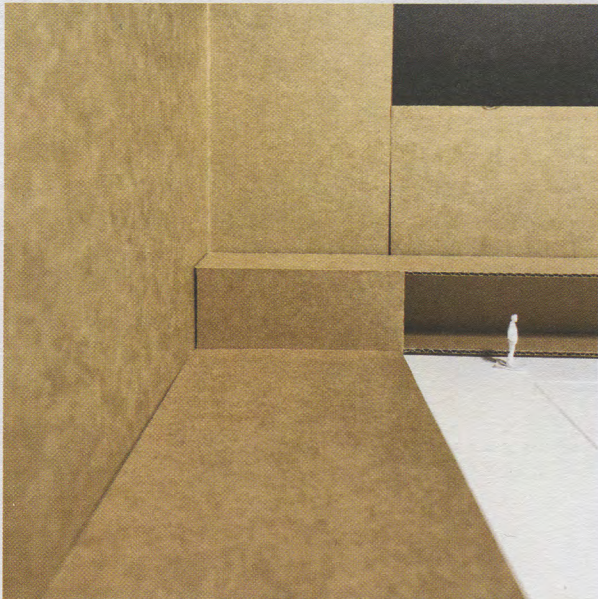
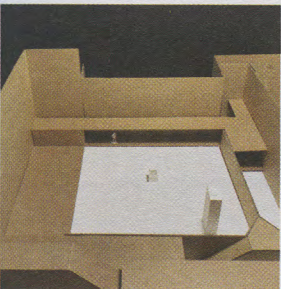
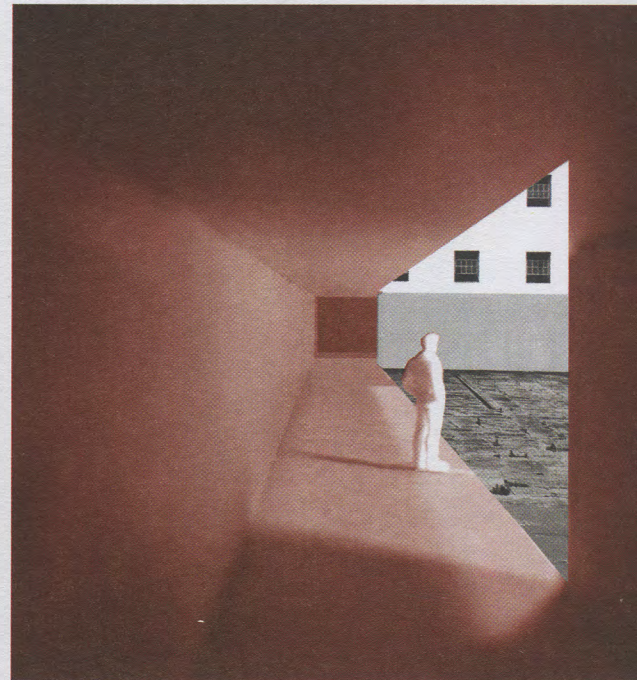
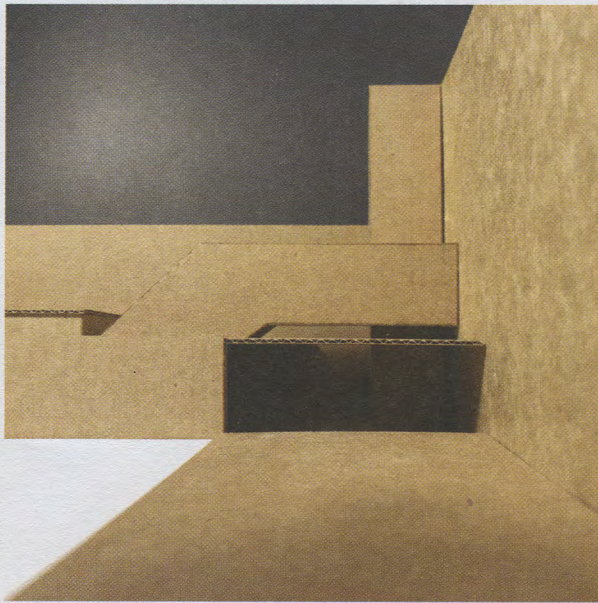
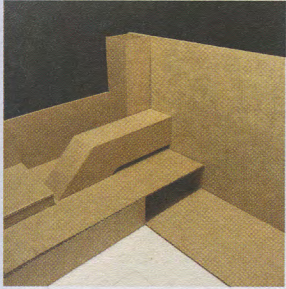
A reorganização do conjunto prevê a sobreposição de percursos de diferentes naturezas, que se entrelaçam e sobrepõem, relacionando os edifícios, os pátios do núcleo central e as plataformas circundantes. Entre estes percursos destaca-se o percurso de visita aos elementos da fortaleza no séc. XVI, correspondentes à matriz do conjunto. Para tal, casamatas e cisterna são dotadas de condições mínimas de utilização. Nas casamatas é introduzido um pavimento em saibro com infraestrutura eléctrica e, sobre o acesso à cisterna é criada uma caixa de proteção que possibilita o acesso a quem arriscar uma descida difícil. O Pátio da cisterna é o elemento central e estruturante do projecto. Pretende-se que este seja um pátio vivido e frequentado por habitantes locais e visitantes, com acesso livre através do Hall da recepção e servido pelo Bar/cafetaria e pela loja do museu.

A entrada no edifício do museu é realizada pela antiga e robusta porta do palácio do governador, junto à qual é introduzido um elevador que liga ao nível do Hall. Ocupando o piso 0, o Hall da recepção é um espaço aberto para o pátio da cisterna, com dimensões generosas e adequadas a um museu desta natureza. Possui balcões de recepção, bengaleiro, zonas de estar e acesso às casamatas, sendo ainda apoiado pela Loja do museu e pelo Bar/cafetaria.

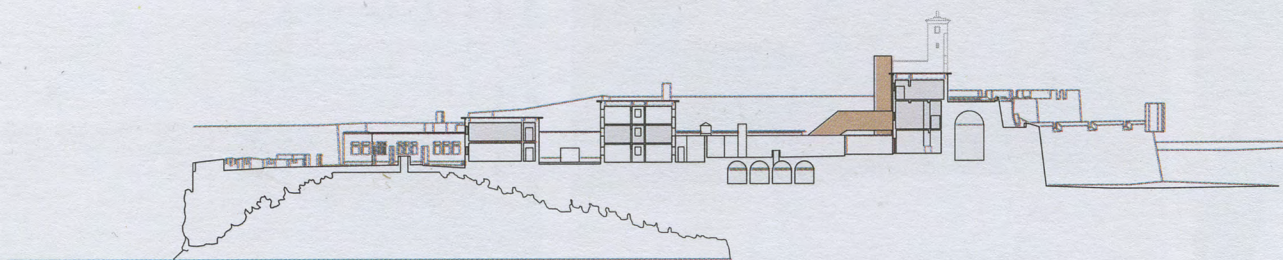
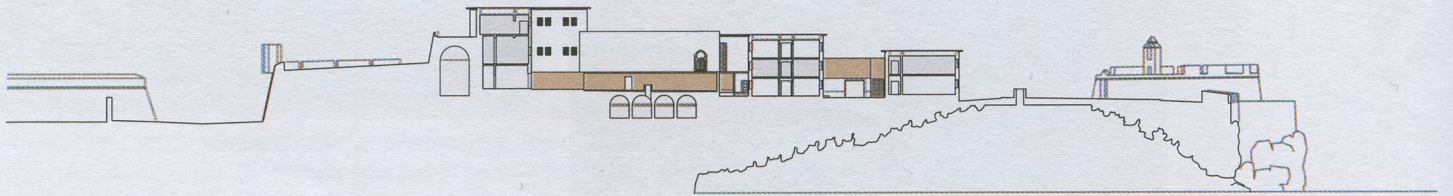
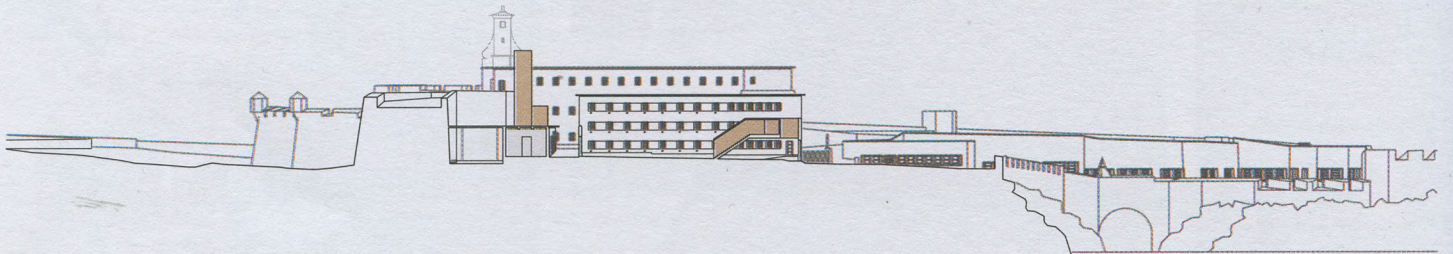
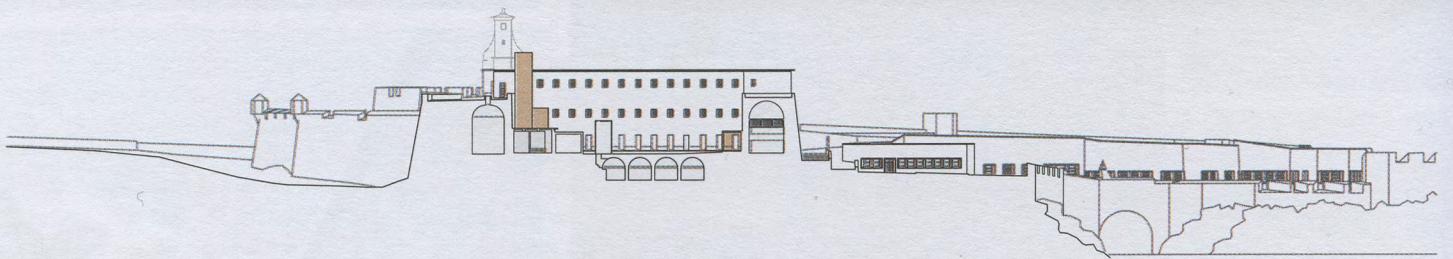
Estruturado em torno do pátio da cisterna, o museu tem início e conclusão no Hall da recepção, atravessa os quatro edifícios e os quatro pátios do núcleo central organizando-se em cinco núcleos, M1, M2, M3, M4 e M5. Cada núcleo tem características próprias, relacionadas com o carácter dos espaços existentes. Os ambientes do percurso museológico variam entre o núcleo de celas de alta segurança a manter, M1, brancas, frias e despidas, e os restantes núcleos, caracterizados por uma luz reduzida e justa, com som e silêncio controlados e materiais que procuram o máximo conforto. Outros espaços poderão facilmente ser adicionados ao percurso museológico principal, nomeadamente as casamatas, com acesso a partir do núcleo M3.

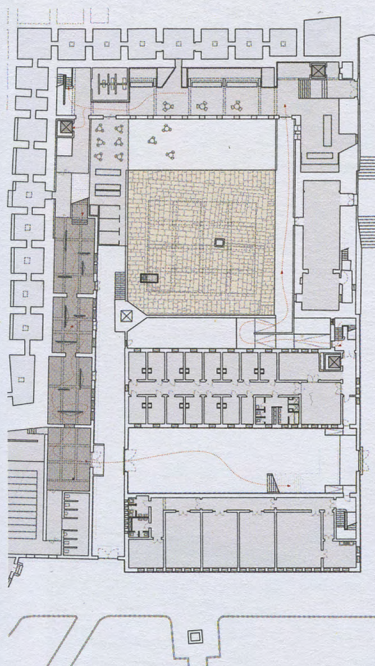
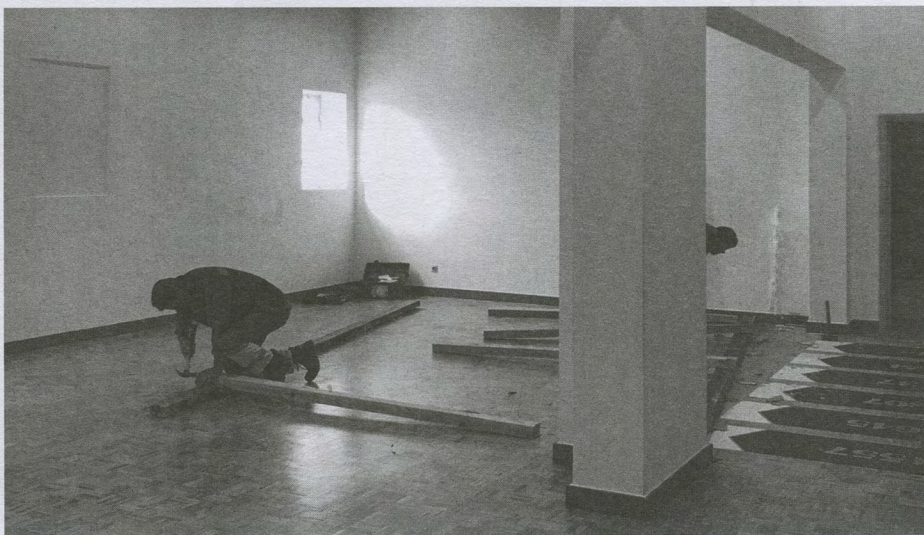
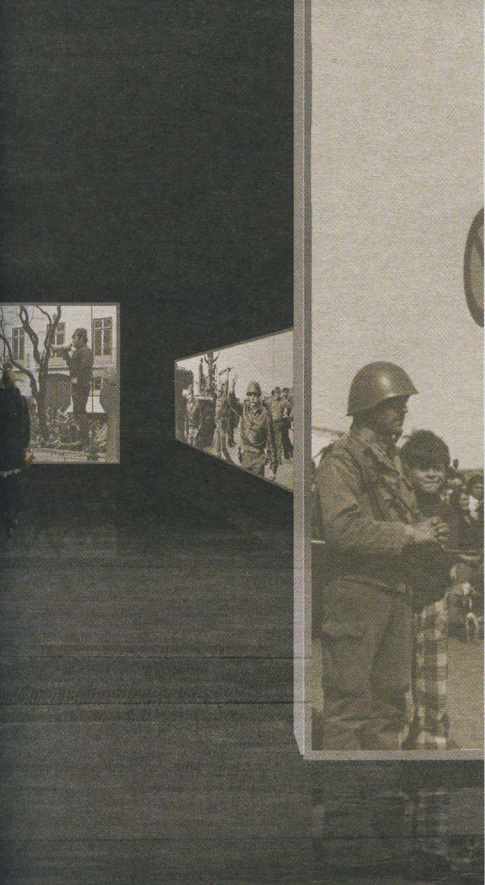
*The building that will hold the Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, has different construction periods and distinct usages in its occupation program. These two fundamental concepts conditioned and led our intervention, to be the less invasive as possible and the most adjusted to the specific character of each of the pre-existing spaces. The limitations imposed by the interior compartmentalisation, its structural characteristics and the adequacy to the defined programme, were essential to our primary evaluation of the site. Our proposal limits itself to the rehabilitation of the existing construction, by way of the creation of a continuous interior path that agglutinates the different constructed bodies. The most significant being the covered connection that articulates the Museums reception with the rest of its spaces, guaranteeing universal accessibility by creating escape routes, conferring this national monument with the necessary safety standards. The adopted museology strategy is one of great respect to the preservation of the ideological memory and symbology assigned to this space. The minimalistic approach to this proposal respects the pre-existing constructions and the sacredness inherent to an anti-fascist memorial. The monolithic volume holding the museographic structure is integrated into the visitor's experience. It is multi-functional by means of its graphic signage, its archival purpose, its interactive displays and its function as public seating. These 200x50x40 cm volumes stand out scenically, built with a water-resistant material and coated with waterproof epoxy which endows it with a high resistance to humidity and weather erosion.*



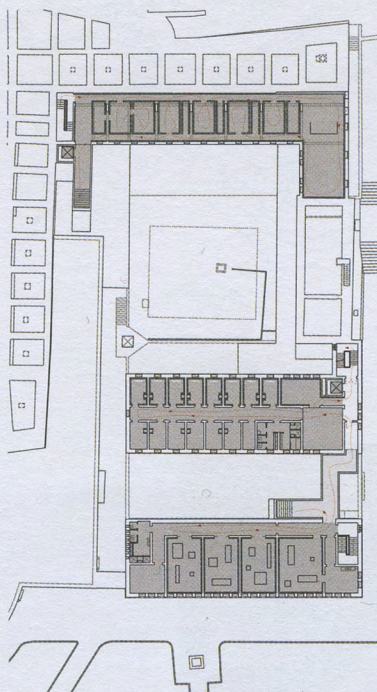




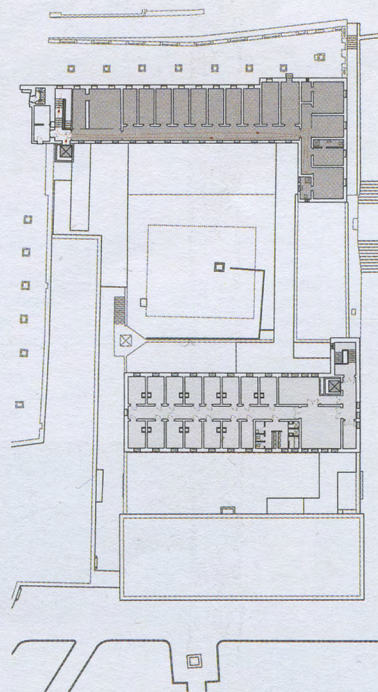




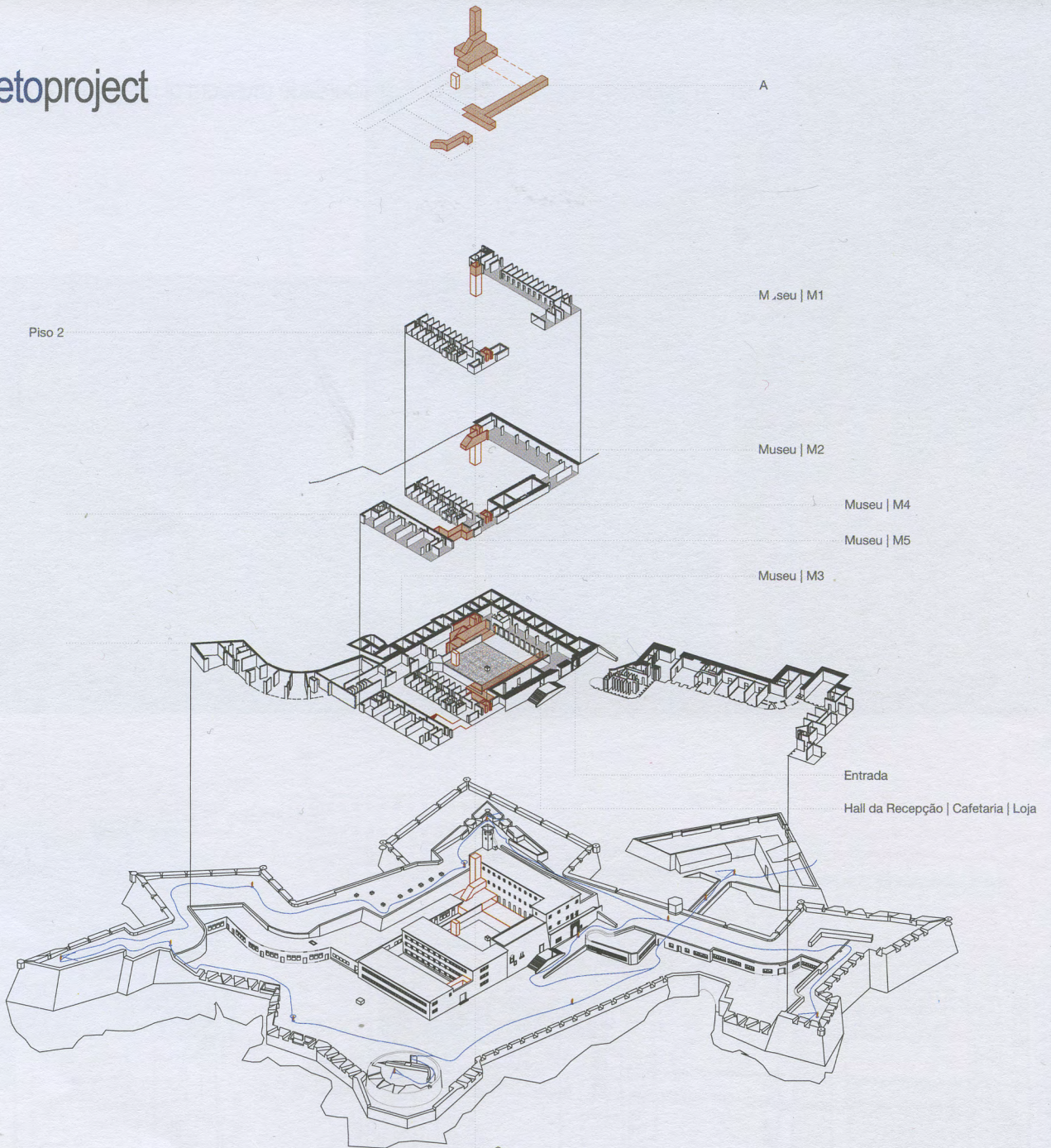
PLANTA PISO 0



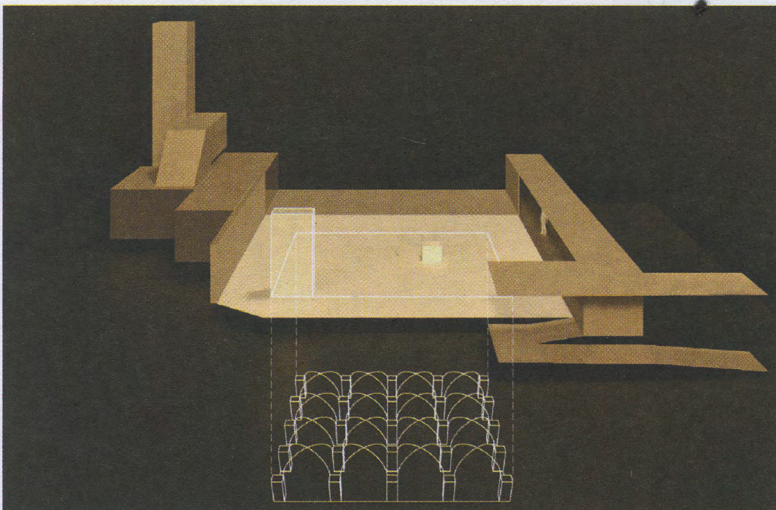
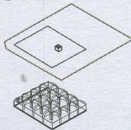
PLANTA PISO 1

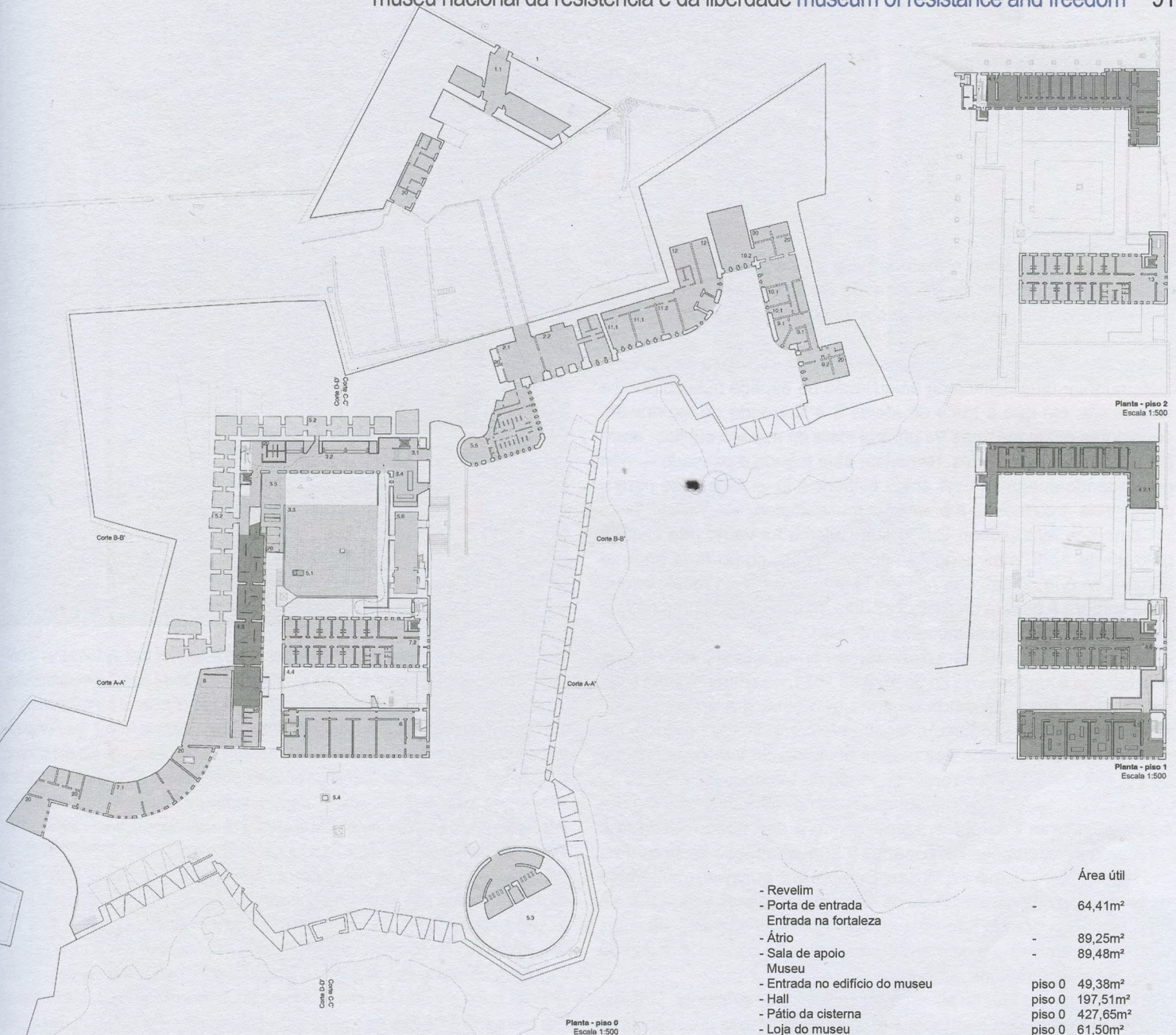


PLANTA PISO 2



AXONOMETRIA





	Área útil
- Revelim	-
- Porta de entrada	- 64,41m <sup>2</sup>
Entrada na fortaleza	
- Átrio	- 89,25m <sup>2</sup>
- Sala de apoio	- 89,48m <sup>2</sup>
Museu	
- Entrada no edifício do museu	piso 0 49,38m <sup>2</sup>
- Hall	piso 0 197,51m <sup>2</sup>
- Pátio da cisterna	piso 0 427,65m <sup>2</sup>
- Loja do museu	piso 0 61,50m <sup>2</sup>
- Cafeteria	piso 0 89,31m <sup>2</sup>
Núcleo principal do museu (coleção permanente)	
- Núcleo M1	piso 2 309,69m <sup>2</sup>
- Núcleo M2	piso 1 330,85m <sup>2</sup>
1- Sala de audiovisual	piso 1 90,20m <sup>2</sup>
- Núcleo M3	piso 0 234,11m <sup>2</sup>
- Pátio prisional	piso 0 304,77m <sup>2</sup>
- Núcleo M4	piso 1 285,19m <sup>2</sup>
- Núcleo M5	piso 1 266,85m <sup>2</sup>
Espaços que complementam a visita	
- Cisterna	- 195,21m <sup>2</sup>
- Casamatas	- 403,66m <sup>2</sup>
- Forte redondo	- 509,65m <sup>2</sup>
- Respiradouro da fuma	-
- Parlatório	- 159,65m <sup>2</sup>
- Igreja	-
- Sala polivalente	piso 0 168,73m <sup>2</sup>
Exposição temporária	
- Núcleo ET1	piso 0 320,31m <sup>2</sup>
- Núcleo ET2	piso 0 266,18m <sup>2</sup>
- Núcleo de investigação	piso 0 284,30m <sup>2</sup>
Administração	
- Gabinete da administração	- 81,90m <sup>2</sup>
- Sala de reuniões	- 31,32m <sup>2</sup>
Serviço educativo	
1- Gabinete de apoio à cidadania	- 169,03m <sup>2</sup>
2- Sala de actividades	- 103,15m <sup>2</sup>
Centro de documentação/Biblioteca	
1- Depósito	- 101,11m <sup>2</sup>
2- Sala de consulta	- 50,52m <sup>2</sup>
- Arquivo/Reservas	- 91,41m <sup>2</sup>
- Núcleo polivalente	piso 2 297,99m <sup>2</sup>
- Zona de apoio / Área técnica	

A Fortaleza de Peniche é matéria para a definição deste projecto de arquitectura do Museu Nacional da Resistência e Liberdade. É igualmente o mote para repensar o espaço público e o seu lugar na contemporaneidade.

Durante a sua utilização no Estado Novo, a Fortaleza de Peniche testemunhou uma política de aniquilação de espaço público por via salazarista, em que a troca de ideias e a liberdade de expressão, definidoras em si mesmas da própria ideia de espaço público, eram forçadamente restringidas. Repensar este legado e passado — não pretendendo apagá-lo, mas antes evidenciá-lo — foi a base para o projecto de arquitectura e programa museológico.

Como nos referiu José Gil, “o salazarismo foi varrido da história pelo 25 de Abril, mas ficou sempre no limbo, como uma enorme sombra de que, afinal, não nos desfizemos (porque o recalçámos). Uma sombra à espera de melhores dias, para ajustar contas (já que a democracia não ajustou contas com ele).”

Assim, esta proposta para o Museu não procura uma interpretação branqueada e luminosa do 25 de Abril de 1974, nem uma higienização do passado, antes deixando a cada um o olhar e a apreensão do significado do que aconteceu, registando como factos privilegiados os depoimentos directos dos presos políticos, da sua resistência e das suas fugas, que ocorreram ao longo do tempo.

A intervenção arquitectónica baseia-se na manutenção das principais estruturas existentes, identificando a sua adequabilidade e propondo as alterações necessárias à sua adaptação ao programa funcional pretendido para o Museu. Sempre que possível, mantêm-se os elementos que caracterizam os diferentes espaços da fortaleza e da prisão, procurando não só a preservação das construções, mas também do ambiente e da memória inerentes na perspectiva da sua valorização patrimonial.

A identidade do Museu alicerça-se no edificado existente, símbolo da Resistência e da Liberdade. Não é intenção desta proposta uma conservação melhorada e asséptica dos espaços que outrora foram prisão, mas antes a exposição real das duras condições de vida na Cadeia de Peniche, com as materialidades e atmosferas próprias.

Assim, o conceito museográfico prevê uma intervenção com base no som, na luz e na imagem, recorrendo à projecção de vídeos e fotografias, ao controlo da luminosidade dos espaços e à reprodução de sonoridades, vozes e ecos. A efemeridade / imaterialidade destes canais de comunicação permite uma grande flexibilidade, enquanto evita a marca física e a contaminação do espaço existente.

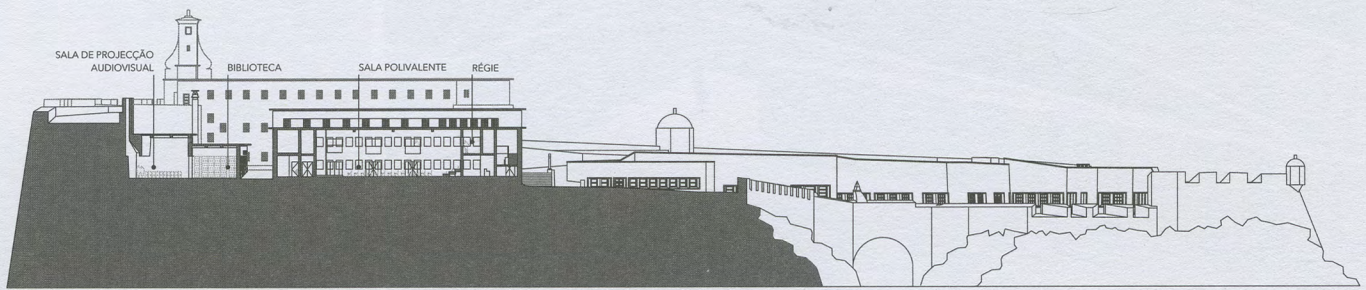
O Memorial aos Presos Políticos concretiza-se numa estrutura rampeada que forma um percurso íntimo e confinado, que contém gravados nos seus muros interiores os nomes dos quase três mil presos políticos que estiveram na Cadeia de Peniche. É uma estrutura de escala humana, evocando as dimensões dos corredores dos blocos prisionais, em betão revestido a pedra de vidro lavrada à escoda e gravada. Contém um plano de água no seu centro, e é envolvido por um espelho de água que se desfaz no encontro com as rochas e flui por baixo da ponte. A inscrição dos nomes no Memorial procura atribuir uma identidade concreta a cada um dos presos que viram a sua dignidade ser-lhes retirada, incutindo-lhes o medo e anonimato imposto pelo Estado Novo.



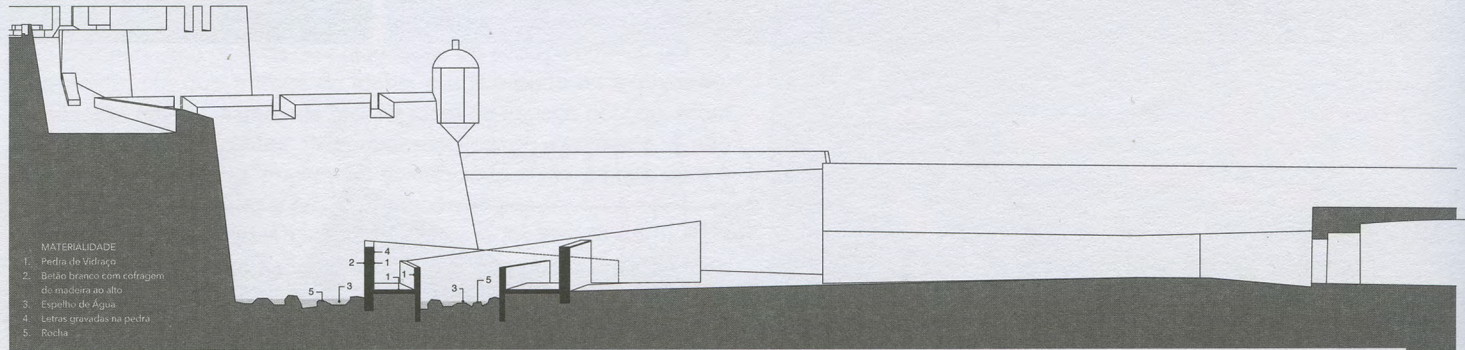
*The Fortaleza de Peniche (Peniche Fortress) is the subject that defines this architecture project for the National Museum of Resistance and Liberty. Simultaneously, it is the reason to rethink the theme of public space and its place in contemporaneity. During its functioning in the dictatorial government era (Estado Novo), the Fortaleza de Peniche witnessed a politic annihilation of the public space through the dictatorship (Salazarism), in which the exchange of ideas and freedom of speech, which are self-defining ideas of “public-space”, were restricted by the use of force. To rethink this legacy and past, not intending to erase it, but emphasizing it, was the base for the architecture project and the museum programme. As José Gil referred to us, “the Salazarism was extinct from history by April 25, but stood forever in the limbo, as a huge shadow with which we didn’t part (because we repressed it). A shadow waiting for better future, for a ‘reckoning’ (since the democracy hasn’t done it).” The architectural intervention bases itself on the maintenance of the main existing structures, identifying their adequacy and proposing the necessary changes in order to adapt to the intended function as a Museum. Whenever possible, the elements that characterize the different spaces of the fortress and the prison were preserved, searching not only the preservation of its constructions, but also their environment and inner memories, in order to keep its patrimonial value.*

*The creation of an identity for the Museum focuses on the existing buildings, symbol of the Resistance and Liberty. With this proposal, it is not intended a work of improved conservation, ‘clean’ and aseptic, that could lead to a misinterpretation of the spaces that once were a prison, and instead aims to expose the real and harsh life conditions of the “Cadeia de Peniche” with its own materiality and atmospheres. Therefore, the museography concept foresees an intervention based on sound, light and image, using the projection of videos and photographs, adjusting the brightness of spaces and reproduction of sounds, voices and echoes. These ephemeral communication channels allow not only a great flexibility, but also avoid a physical mark and the contamination of the space. The Political Prisoners’ Memorial (Memorial aos Presos Políticos) takes shape as a ramped structure that forms an intimate and confined course, which has engraved in its interior walls the names of the almost three thousand political prisoners that were at the “Cadeia de Peniche”. It is a structure with a human scale, evoking the dimensions of the corridors of the prison blocks, in this case built in concrete, coated with sandstone, containing a water plane in its centre and surrounded by water as well, which disrupts when it encounters rocks and flows under the bridge. The names inscription on the Memorial tries to identify a concrete identity to each one of the prisoners that saw their dignity taken away from them, imposing them fear and anonymity by the dictatorial government, the “Estado Novo”.*

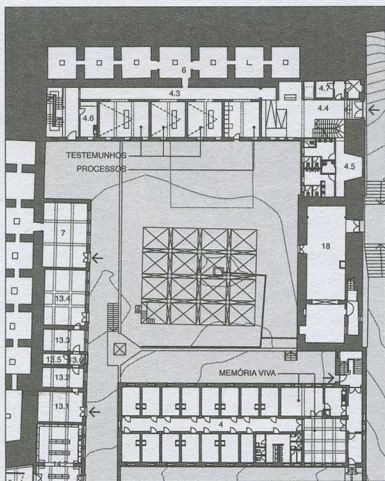




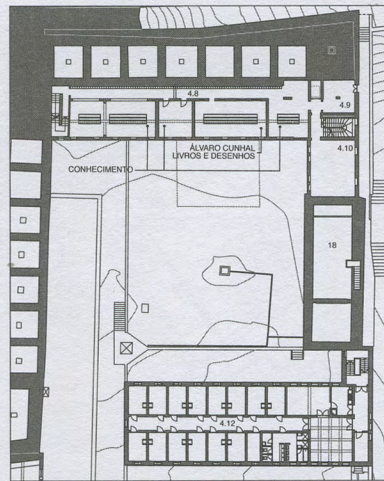
**CORTE**



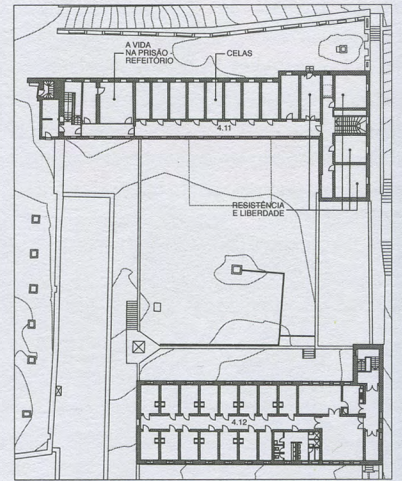
**CORTE TRANSVERSAL**



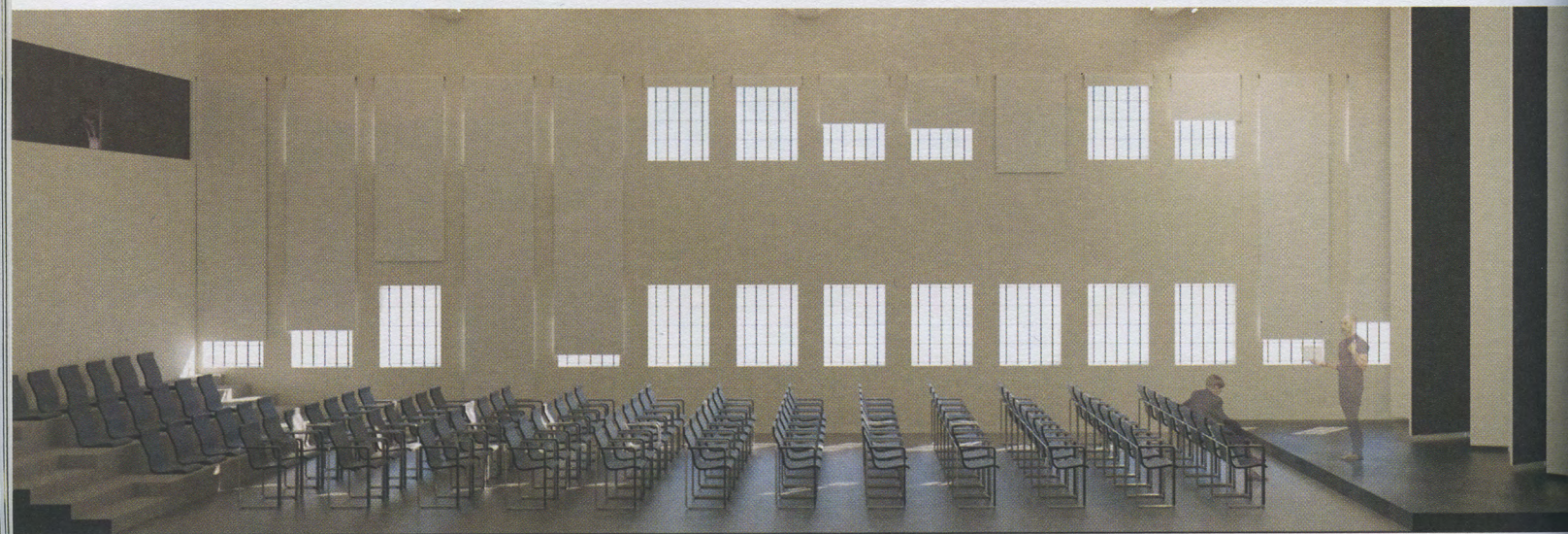
PLANTA PISO 0

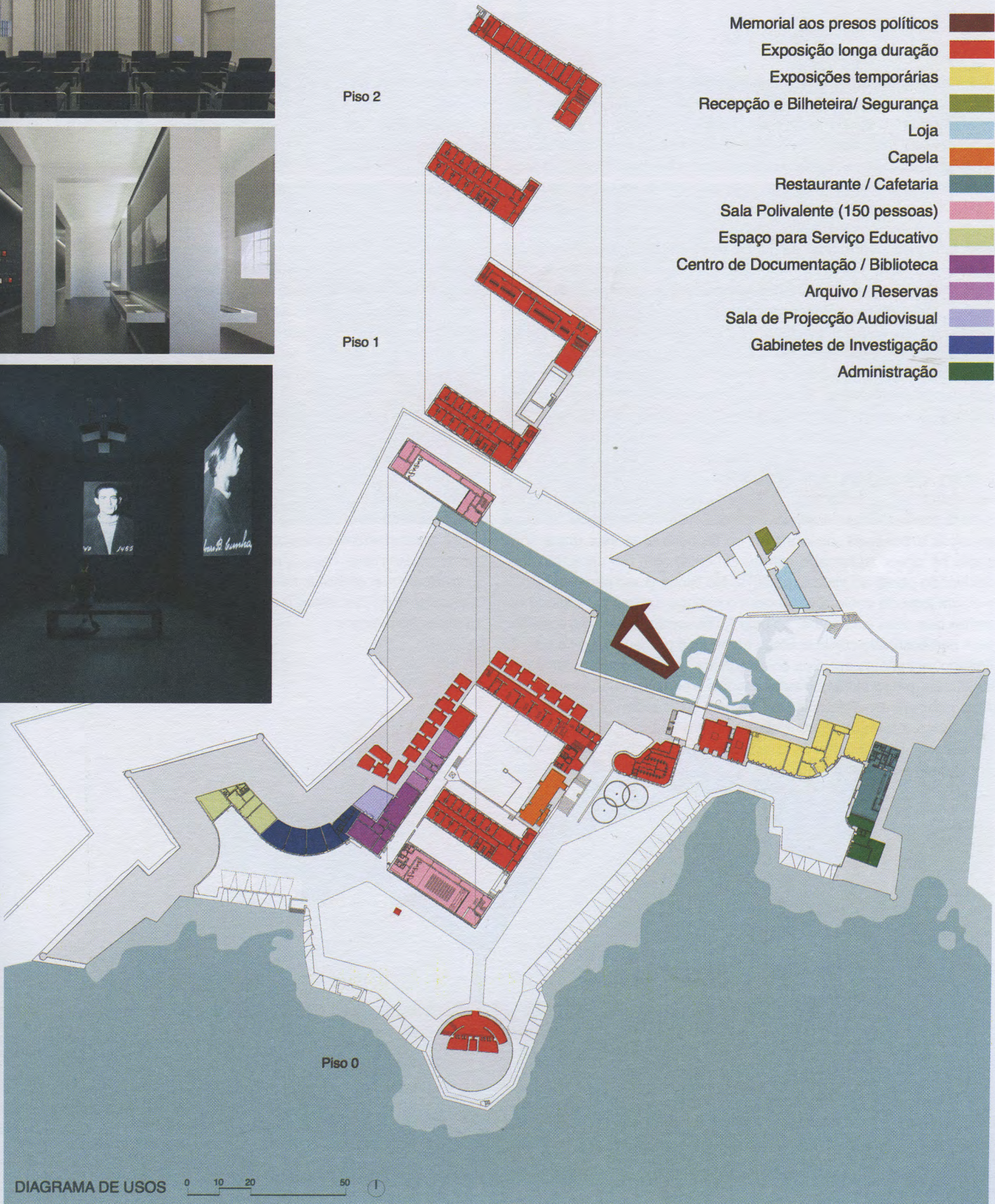
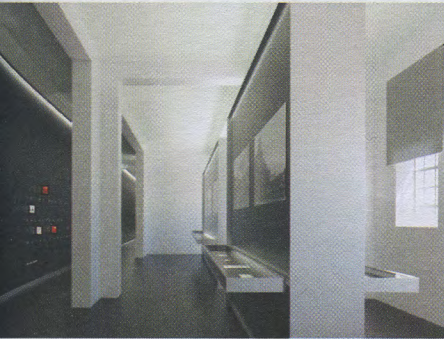


PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 2







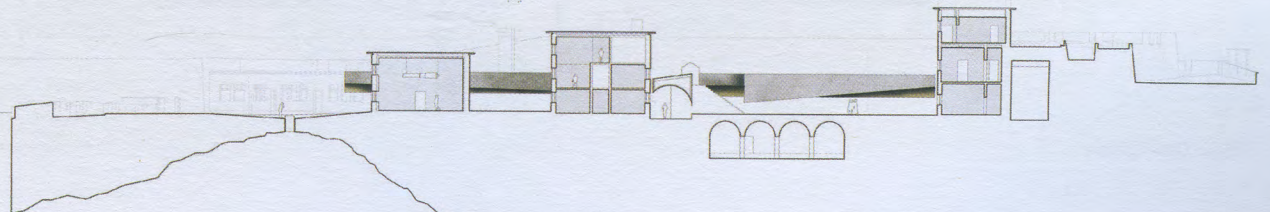
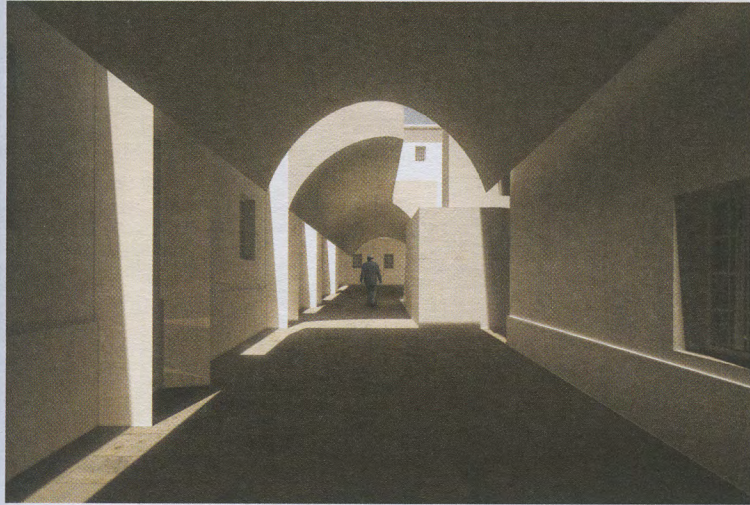
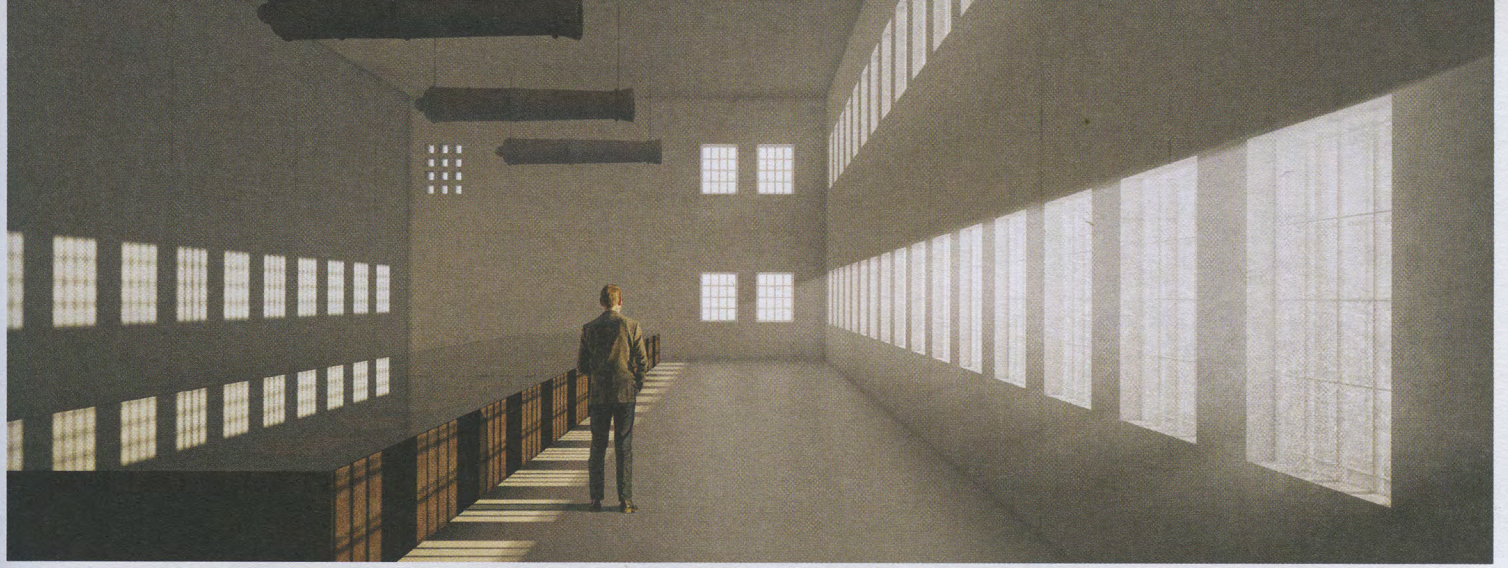
ATELIER CARDIA. COSSEMENT. SIOPA  
 MARCELO DE GOUVEIA CARDIA COM CHARLES  
 COSSEMENT E JOÃO SIOPA ALVES

3.º LUGAR

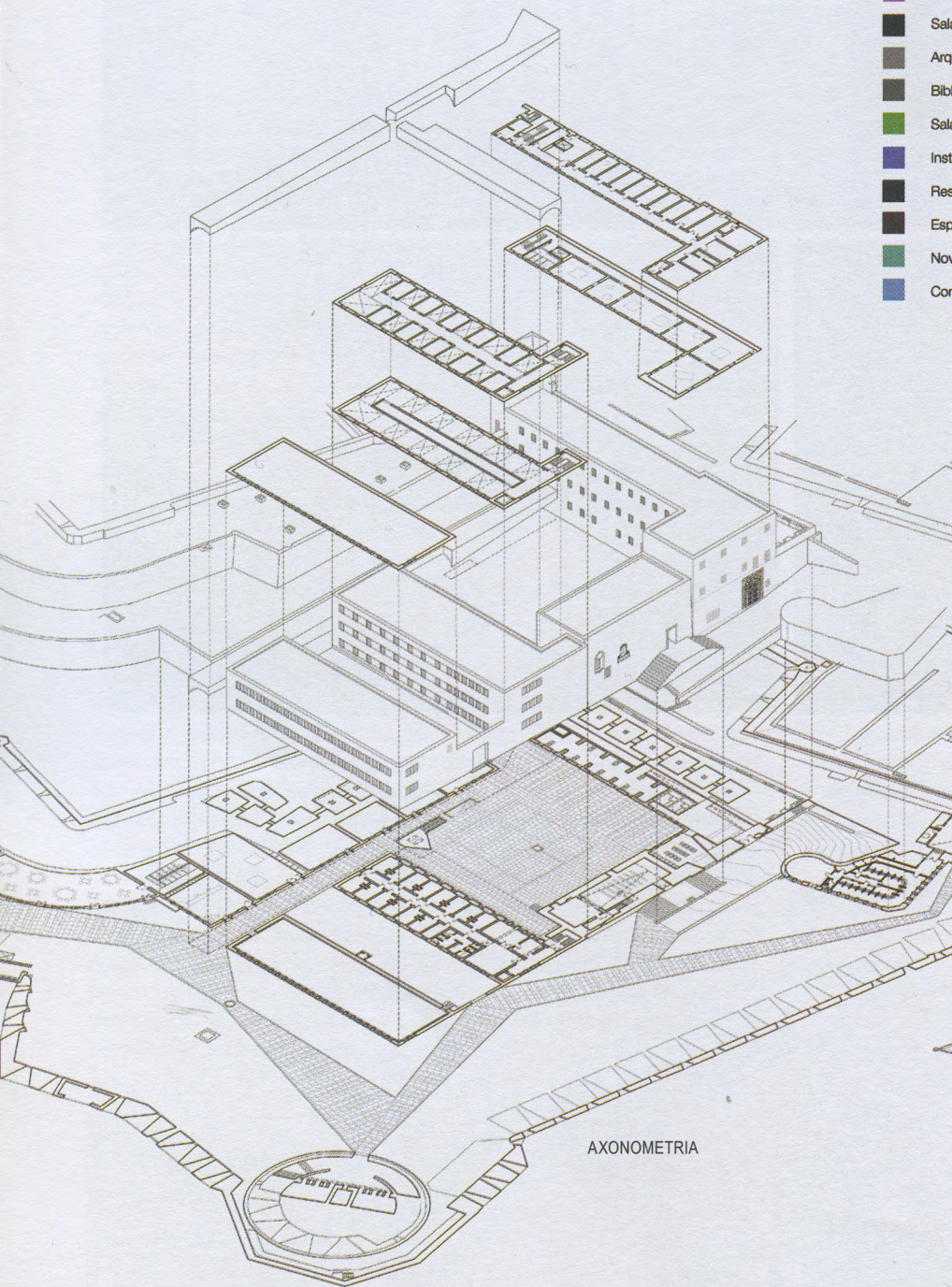
Com a carga histórica associada ao local da fortaleza de Peniche, o projecto da musealização e valorização do património cultural existente manifesta-se como uma imposição vincada. Nos espaços exteriores da Fortaleza, a pavimentação em pedra Moleanos “rasga” um pavimento poroso pontuado com elementos arbustivos autóctones numa alusão à invasão dispersa pela natureza a um espaço outrora rígido. O contraste da emancipação da vegetação como enquadramento do património existente, um pouco à semelhança, embora de uma forma descontrolada, da simbiose existente entre a vegetação que coabita com o exterior da fortaleza a poente. Para o Núcleo do Museu (Blocos A, B, C e D), é desenhada uma estrutura que paira sobre os corredores de acesso a estes corpos edificados (elemento autónomo dos edifícios existentes não os alterando ou danificando). A Arquitectura, para além do acto funcional com a protecção às intempéries durante a transição entre espaços expositivos, surge com carácter simbólico. O volume destacado dos existentes como delimitação e vinco do percurso feito pelos prisioneiros até chegarem ao ponto onde a liberdade se afirmava mais paradoxal – o buraco das Furnas. É por isso criado um diálogo entre a compressão deste caminho como enunciação do palimpsesto da memória e a tensão da relação com a água vista pelo fosso aberto no chão que remete para a ideia de fuga. A peça arquitectónica como memorial. Nos espaços expositivos, desenha-se no Bloco B uma sala única com duplo pé direito (reforçada estruturalmente) com um carácter mais flexível do ponto de vista expositivo. No Bloco B, ao nível do piso 1 e 2, um jogo de cheio e vazio para o espaço expositivo, usando os limites das celas existentes. No piso 1, um espaço onde só o corredor está enclausurado como antítese ao espaço precedente e no piso 2, criando mezaninas entre os dois espaços, um cheio vazio das salas existentes, proporcionando salas escuras e espaços abertos em redor. A abordagem arquitectónica ao Museu, para além da qualificação do espaço, pretende marcar claramente a intervenção do séc XXI no espaço, como adição às diferentes layers também distintas que constituem este património.

*With the historical load associated with the Peniche's fortress, the project of musealization and valorization of the existing cultural heritage manifests itself as a marked imposition. In the outer spaces of the Fortress, Moleanos stone paving “tears” a porous pavement punctuated with native shrub elements in an allusion to the invasion dispersed by nature into a once rigid space. The contrast of the emancipation of the vegetation as a framework of the existing patrimony, somewhat similar to, albeit in an uncontrolled way, the symbiosis between the vegetation that cohabits with the exterior of the fortress to the west. For the Museum (Blocks A, B, C and D), a structure is designed that hangs over the corridors of access to these built bodies (autonomous element of existing buildings not altering or damaging them). Architecture, besides the functional act with the protection to the weather during the transition between exhibition spaces, appears with symbolic character. The outstanding volume of the existing ones as delimitation and crease of the route made by the prisoners until arriving at the point where the freedom was affirmed more paradoxal - the hole of Furnas. A dialogue is therefore created between the compression of this path as the enunciation of the palimpsest of memory and the tension of the relation with the water seen by the open pit on the ground that refers to the idea of escape. The architectural piece as memorial. In the exhibition spaces, a unique room with double right foot (structurally reinforced) with a more flexible character from the exhibition point of view is drawn in Block B. In Block B, at floor level 1 and 2, a full and empty set for the exhibition space, using the limits of the existing cells. In floor 1, a space where only the corridor is enclosed as antithesis to the previous space and in the floor 2, creating mezzanines between the two spaces, an empty space of the existing rooms, providing dark rooms and open spaces around. The architectural approach to the Museum, in addition to the qualification of space, aims to clearly mark the intervention of the 21st century in space, as an addition to the different layers that constitute this patrimony.*

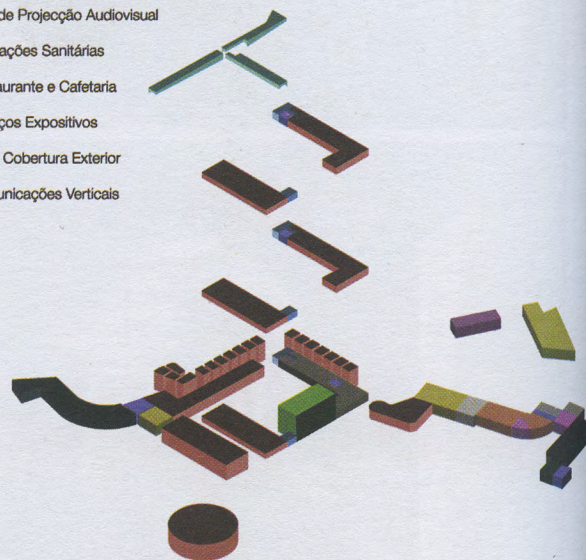




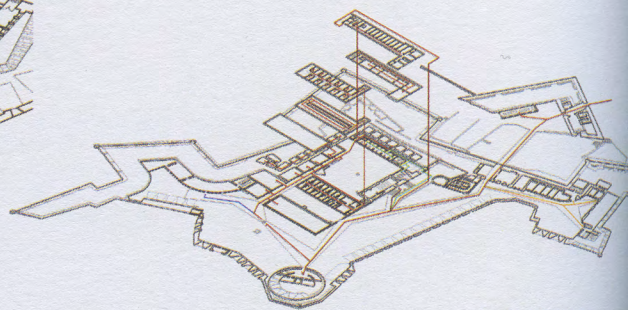
- Recepção / Controlo de Entrada
- Loja (Gift Shop)
- Espaço para Serviço Educativo
- Gabinetes de Investigação
- Sala de Reuniões e Gabinetes da Administração
- Sala Polivalente
- Arquivo
- Biblioteca / Centro de Documentação
- Sala de Projecção Audiovisual
- Instalações Sanitárias
- Restaurante e Cafeteria
- Espaços Expositivos
- Nova Cobertura Exterior
- Comunicações Verticais



AXONOMETRIA

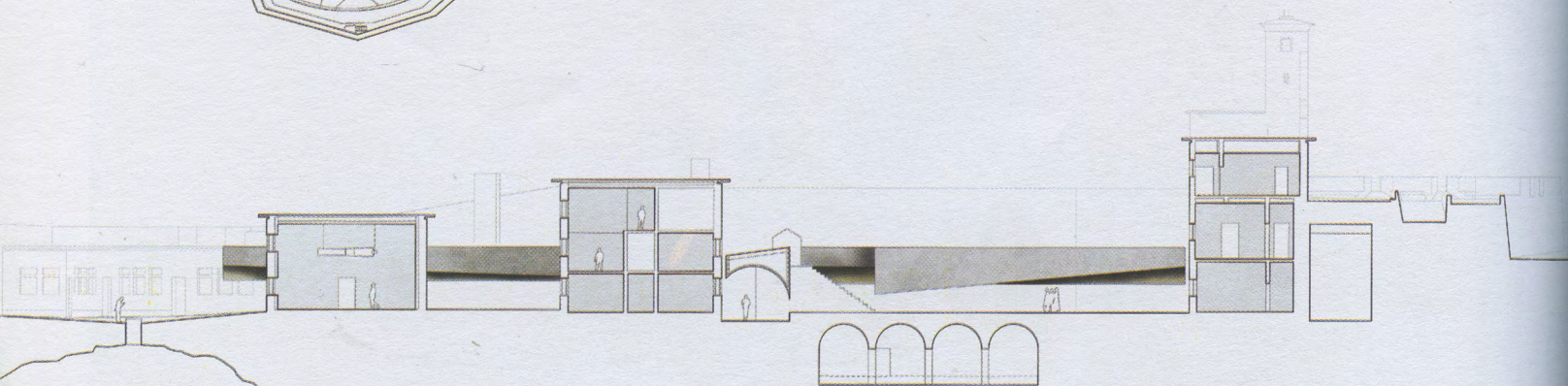


ESQUEMA DE USOS

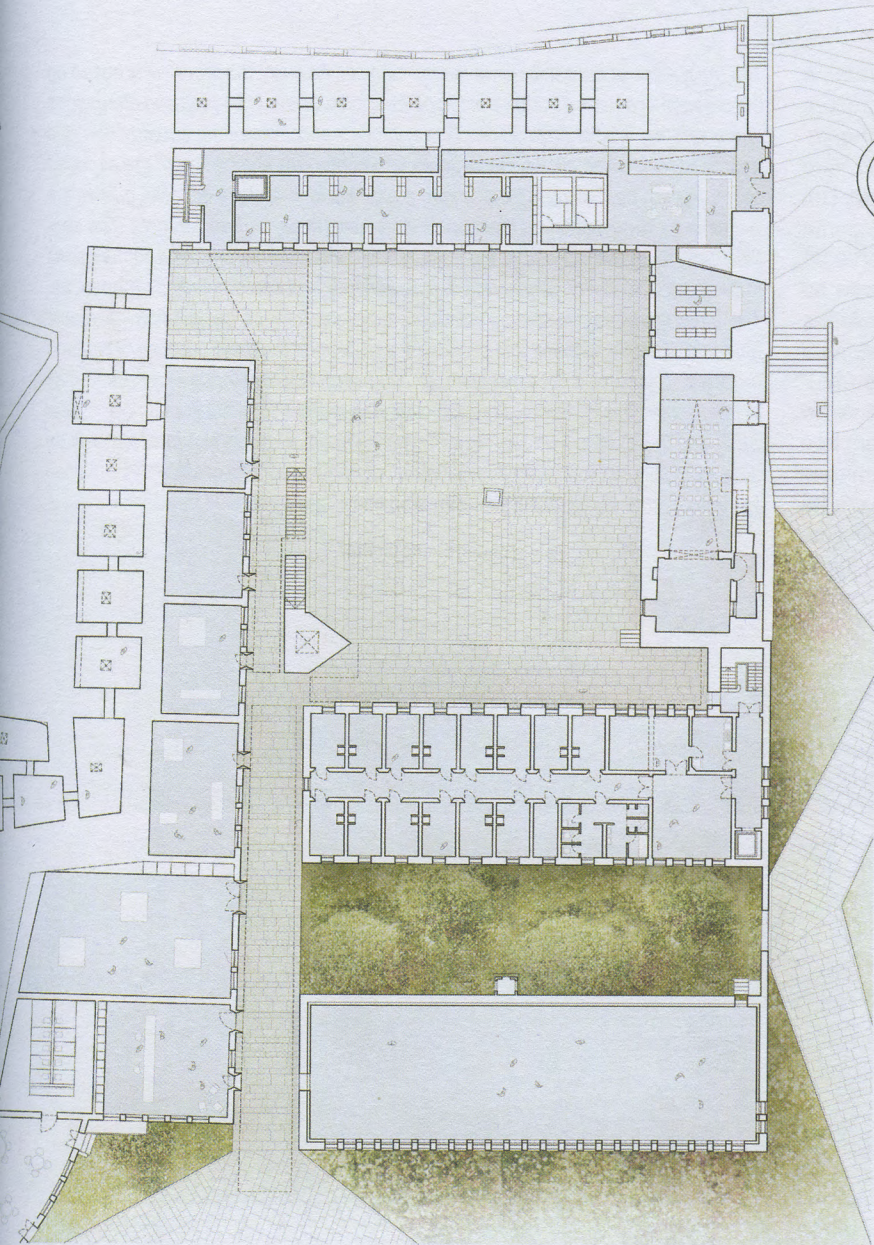


ESQUEMA DE ACESSOS E CIRCULAÇÃO

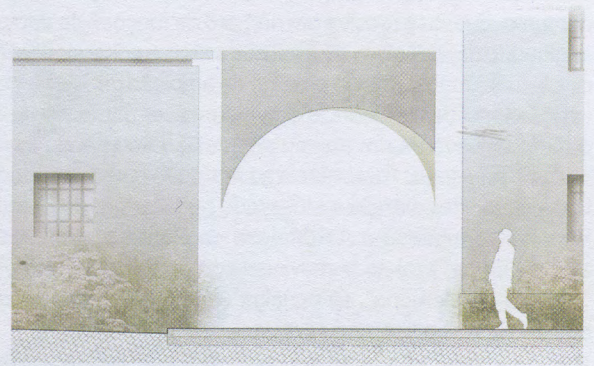
- Percorso Museológico
- Percorso para os outros usos
- Percorso Bibliotecário
- Acesso Exterior Sala Videoprojecção
- Acesso Restaurante



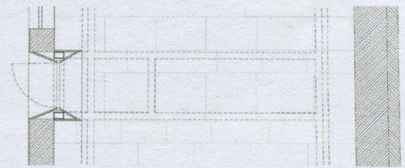
CORTE LONGITUDINAL



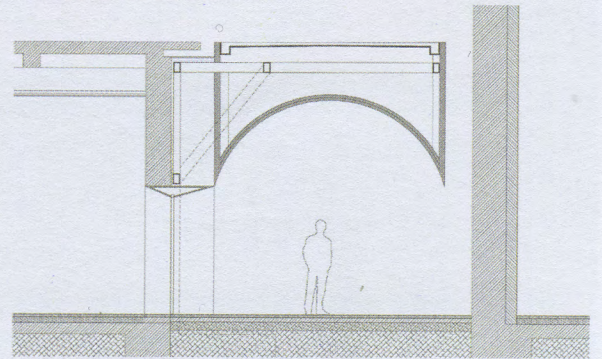
PLANTA PISO TÉRREO



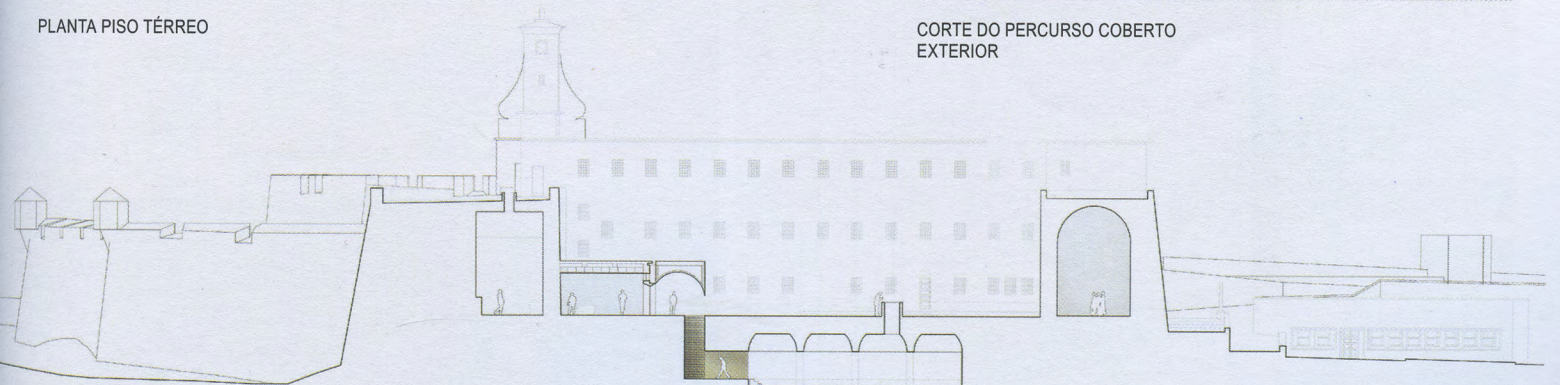
ALÇADO DO PERCURSO COBERTO EXTERIOR



PLANTA DO PERCURSO COBERTO EXTERIOR



CORTE DO PERCURSO COBERTO EXTERIOR



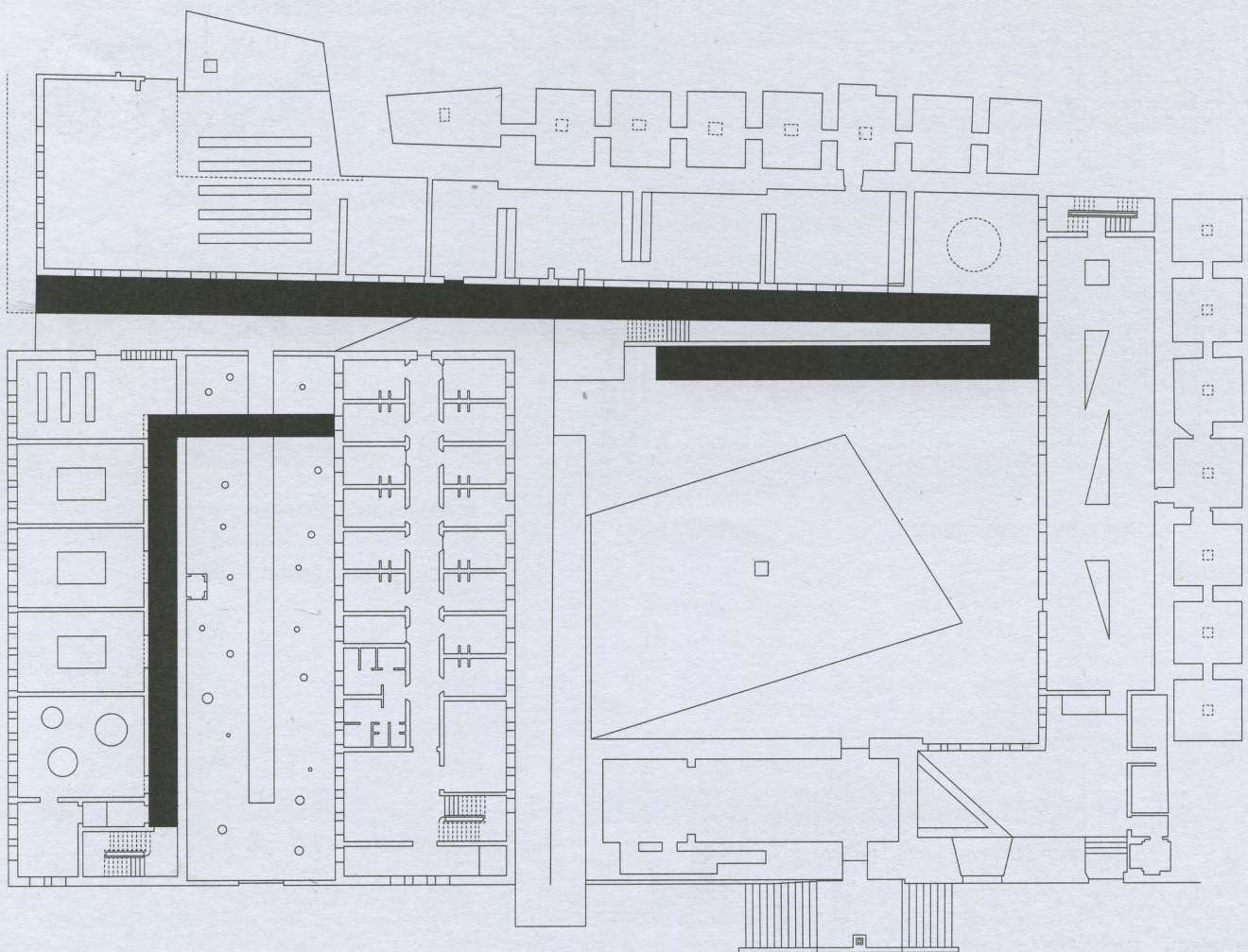
CORTE TRANSVERSAL

NUNO MONTENEGRO COM BRUNO SARAIVA,  
INÊS PEREIRA, JOSÉ MESTRE, SARA DAVID,  
VALTER RAMALHO

4.º LUGAR

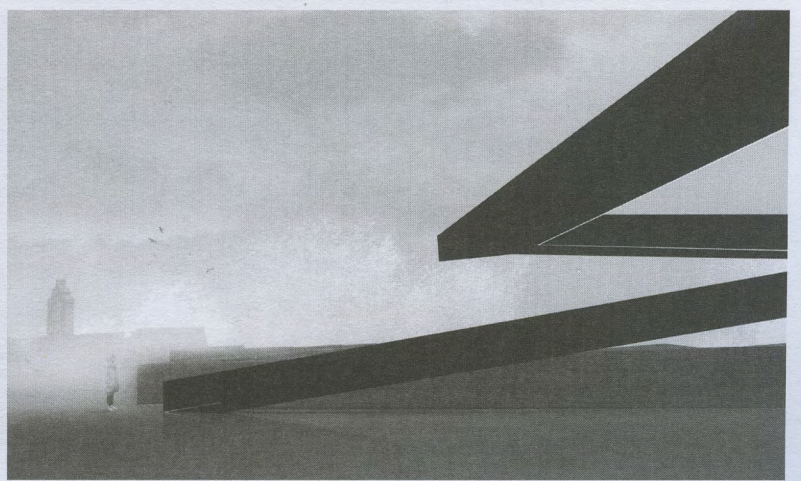
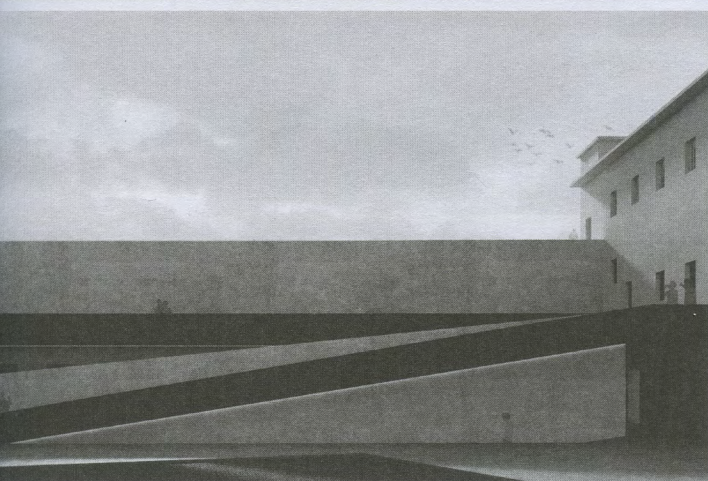
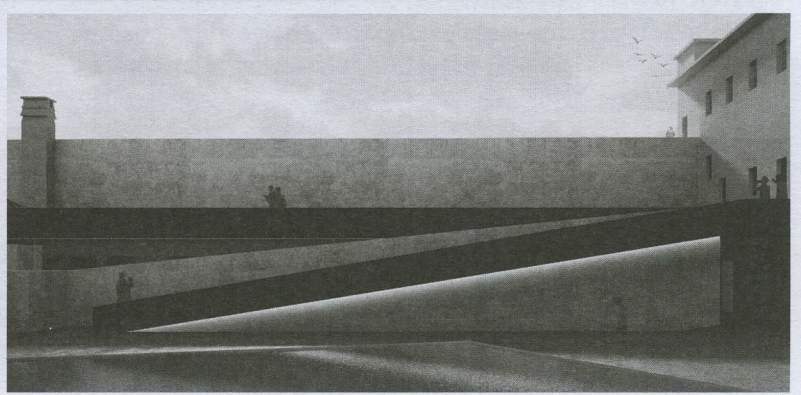
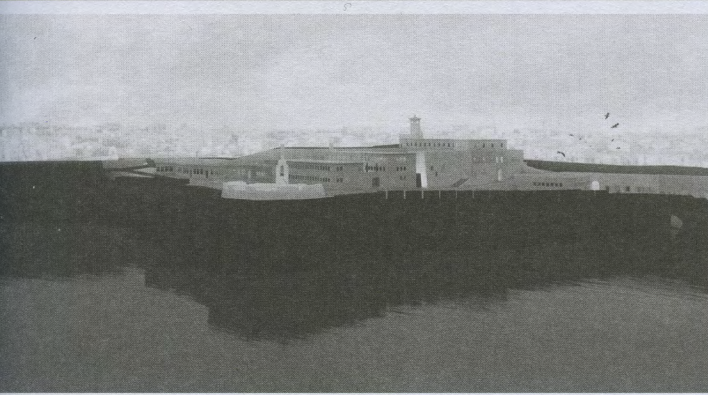
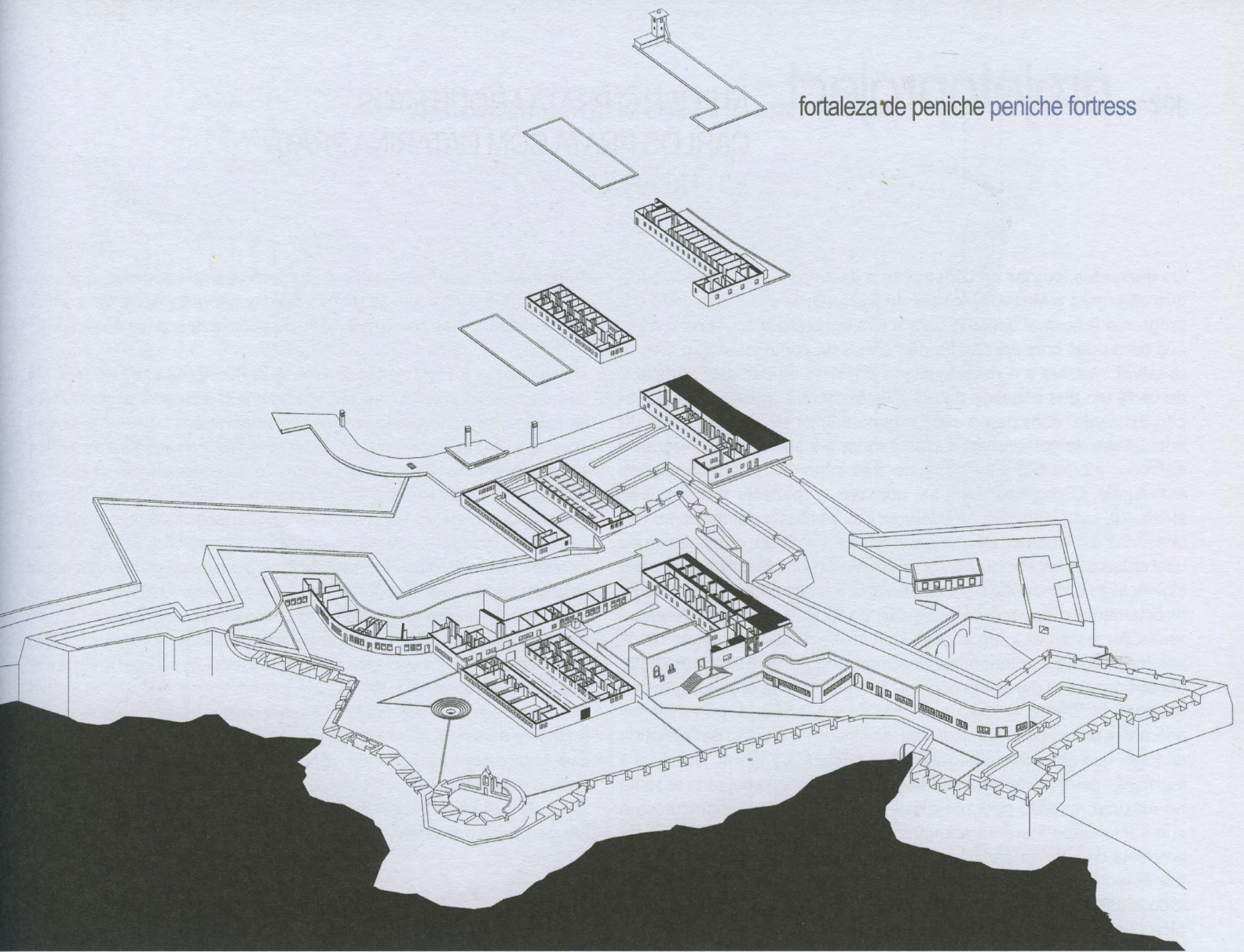
O principal recurso da exposição é o conjunto edificado. Como tal, a proposta assenta na criação de um percurso, através do qual se procura resolver os impasses e disrupções da articulação espacial existente. Esta abordagem incentiva a construção de uma nova narração, que permite o conhecimento aprofundado e imersivo do objeto exposto. Um percurso contruído e acompanhado por um rasgo, materializado numa luz de aço que orienta o visitante, numa quase caleira que serve de encaixe a conteúdos expositivos. A intrusão espacial, circunscrita ao percurso, orienta e resolve um número de funções de apoio ao visitante, originando experiências digitais, sensoriais e contemplativas. A estrutura do discurso museográfico emerge da ambição da sua designação – Museu Nacional da Resistência e da Liberdade - ultrapassando largamente o mero objetivo de um museu de prisão. O conteúdo assenta em três núcleos principais: Resistência e Liberdade como aspirações humanas Universais, Resistência e Liberdade na Ditadura do Estado Novo e na História Portuguesa e A Fortaleza de Peniche, pretendendo-se que, através de um projeto audiovisual com mais de 10 anos, denominado “Arquivo de Memória”, se consiga aproximar o visitante do prisioneiro que ali viu a sua liberdade cativa.

*The main piece of the exhibition is the building set. As such, the proposal is based on the creation of a path, through which one tries to solve the impasses and disruptions of the existing spatial articulation. This approach encourages the construction of a new narrative, which allows the in-depth and immersive knowledge of the exposed object. A path built along a track chain, materialized in a steel light that guides the visitor, in an almost channel that serves as a fitting to expository contents. The spatial intrusion, circumscribed to the path, guides and resolves a number of functions that support the visitor, originating digital, sensory and contemplative experiences. The structure of the museum's discourse emerges from its designation - National Museum of the Resistance and Freedom - well beyond the mere purpose of a prison museum. The content is based on three main centers: Resistance and Freedom as human aspirations Universal, Resistance and Freedom in the dictatorship of the New State and the Portuguese History and The Fortress, with the aim that, through an audiovisual project with more than 10 years, denominated "File of Memory", enabling to approach the visitor of the prisoner, who there saw its captive freedom.*



PLANTA

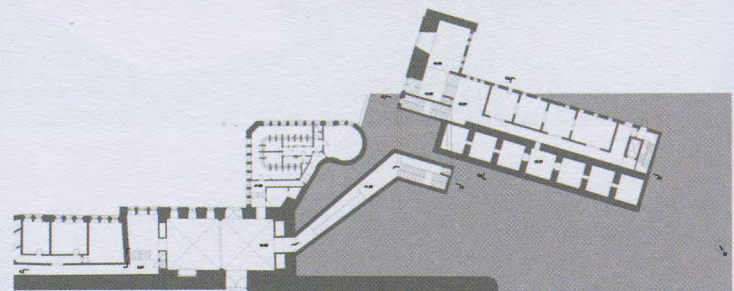
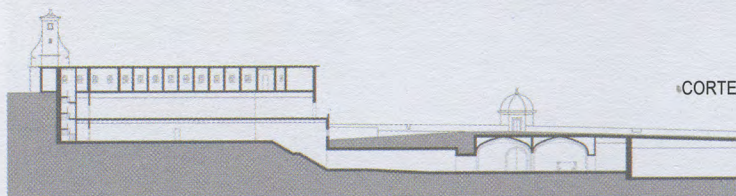
fortaleza de peniche peniche fortress



Os diferentes tempos de construção e destinos de uso do edificado que albergará o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade e o programa funcional definido para a sua concretização, conduziram-nos para duas concepções fundamentais de como intervir: o menos possível invasiva e o mais ajustada possível ao carácter particular de cada um dos espaços da pré-existência. Na avaliação da situação existente, considerou-se, fundamentalmente, a capacidade de adequação da compartimentação interior à instalação do programa definido, aferindo-a com as limitações impostas pelas condições estruturais. O projecto limita-se, por isso, a reabilitar a construção existente, considerando as intervenções pontuais estritamente necessárias à criação de um percurso interior contínuo, que aglutina os diferentes corpos em que o conjunto se sub-divide. Destas, a mais significativa diz respeito à criação de uma ligação coberta que articula directamente o espaço de recepção do Museu, com as diferentes áreas. As restantes intervenções limitam-se a ligar pontualmente os volumes, até aqui autonomizados. Como condicionantes de projecto, constrangedoras para uma concepção mais livre da organização dos espaços, também contribuiu a garantia de acessibilidade universal nas diferentes partes do conjunto e a possibilidade de criação de caminhos de fuga, que aproximem a reabilitação deste Monumento Nacional à legislação geral existente. A estratégia museográfica adoptada assenta no máximo respeito pela pré-existência do espaço arquitectónico e sua sacralidade inerente enquanto memorial do antifascismo. Esta proposta de intervenção museográfica, de carácter minimalista, tem por objectivo a preservação da memória, identidade, simbologia e todo o carácter ideológico atribuídos a este espaço. A solução técnica que suporta a museografia foi estruturada com o recurso a um "monólito" (volume paralelepípedo 200x50x40cm), construído em material hidrófugo com revestimento epóxi resistente e impermeável, dotando-o de uma polivalência funcional e resistência mecânica a altos teores de humidade. Estes volumes destacam-se cenicamente do edifício, constituindo-se em suporte da experiência museal, quer pela sinalização do espaço, percursos e interpretação de cada

dependência, quer abrigando documentos arqueológicos, gráficos, audiovisuais e interactivos (acolhendo monitores vídeo), quer ainda disponibilizando-se como mobiliário de apoio e descanso do visitante.

*The building that will hold the Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, has different construction periods and distinct usages in its occupation program. These two fundamental concepts conditioned and led our intervention, to be the less invasive as possible and the most adjusted to the specific character of each of the pre-existing spaces. The limitations imposed by the interior compartmentalisation, its structural characteristics and the adequacy to the defined programme, were essential to our primary evaluation of the site. Our proposal limits itself to the rehabilitation of the existing construction, by way of the creation of a continuous interior path that agglutinates the different constructed bodies. The most significant being the covered connection that articulates the Museums reception with the rest of its spaces, guaranteeing universal accessibility by creating escape routes, conferring this national monument with the necessary safety standards. The adopted museology strategy is one of great respect to the preservation of the ideological memory and symbology assigned to this space. The minimalistic approach to this proposal respects the pre-existing constructions and the sacredness inherent to an anti-fascist memorial. The monolithic volume holding the museographic structure is integrated into the visitor's experience. It is multi-functional by means of its graphic signage, its archival purpose, its interactive displays and its function as public seating. These 200x50x40 cm volumes stand out scenically, built with a water-resistant material and coated with waterproof epoxy which endows it with a high resistance to humidity and weather erosion.*



PLANTA DA GALERIA DE LIGAÇÃO

